

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Meiridiane Domingues de Deus

**TORNAR-SE AVÓ NO CONTEXTO DA GRAVIDEZ ADOLESCENTE**

Santa Maria, RS  
2016

Meiridiane Domingues de Deus

**Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup> Ana Cristina Garcia Dias

Santa Maria, RS.  
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Deus , Meiridiane Domingues de  
Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente /  
Meiridiane Domingues de Deus .-2016.  
82 p.; 30cm

Orientadora: Ana Cristina Garcia Dias  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2016

1. Avó 2. Tornar-se avó 3. Gravidez na adolescência 4.  
Teoria Fundamentada nos dados I. Dias , Ana Cristina  
Garcia II. Título.

Meiridiane Domingues de Deus

**Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

**Aprovado em 15 de fevereiro de 2016.**

---

**Ana Cristina Garcia Dias, Dr<sup>a</sup>.**  
(Presidente / Orientadora)

---

**Samara Silva dos Santos, Dr<sup>a</sup>** (UFSM)

---

**Cristina Saling Krueel, Dr<sup>a</sup>.** (Unifra)

Santa Maria, RS  
2016

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas que amo muito, que fazem e fizeram parte da minha história, que me incentivaram, me ajudaram e compartilharam momentos especiais na minha vida. A minha mãe, Noêmia. Ao meu pai, Manoel Augusto. Ao meu irmão, Alexandre. Aos meus amigos. A minha avó Iracélia. A minha avó Modesta (*in memorian*). Ao público adolescente que em mim desperta muito interesse, curiosidade e vontade de compreender as dificuldades e realidades em que estão inseridos, principalmente no contexto da gravidez na adolescência. As queridas avós que entrevistei que por meio de lágrimas e risos contribuíram para este trabalho. À minha prima, Aldorina (Maninha) que se tornou uma fonte de inspiração e de ideias para este trabalho ao se tornar avó precocemente. Aos meus amigos. As minhas afilhadas, Litieli, Mariana, Alice, Elisa, Flávia, Ciomara, Viviane e Vanusa.

E aos que amo muito e um dia fizeram parte da minha vida, aos meus avôs, Apolônio (*in memorian*) e Vergilino (*in memorian*), Minha amada tia Maria (*in memorian*) que me fizeram entender o valor do carinho, do amor, da sinceridade e da dedicação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força em continuar lutando pelo meu grande sonho, por ter me amparado nos momentos de dificuldades, proporcionar oportunidades para que aumentasse a minha fé e pelos momentos de alegria e felicidade.

Aos meus amados pais, pelo amor, carinho e compreensão. Pelos esforços com a minha educação, pelo grande apoio e incentivo, por tolerarem minhas ausências, pelas oportunidades de crescimento que me ofereceram e oferecem que me permitem concretizar meus sonhos e objetivos. Amo vocês!

Ao meu amado irmão, pelo constante incentivo, carinho e amor de sempre, pelas horas de conversas, reflexões, pelo amparo nos momentos difíceis e pela alegria dos momentos de riso. Um exemplo para mim de força, de caráter, de luta e dedicação. Te amo muito!

As minhas afilhadas, Litieli, Mariana, Alice, Elisa, Vanusa, Ciomara, Flávia e Viviane por serem o meu incentivo, meus amores, minha alegria e fontes de muito orgulho.

A minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Ana Cristina, por todo acolhimento, atenção, ajuda e incentivo. Pelas oportunidades que me proporcionou. Pelas contribuições e sugestões no desenvolvimento e elaboração desse trabalho. Grata!

À professora Samara, pela disponibilidade em me ouvir tanto nos momentos bons quanto nos ruins, pelo constante incentivo, carinho e acolhimento. Pela sua participação e contribuições para que o aperfeiçoamento deste trabalho.

À professora Caroline Rubin, pelo carinho, incentivo, compreensão e acolhimento. Pela disponibilidade em me ajudar em momentos importantes durante o mestrado.

À professora, Cristina Krueel, que aceitou compor a banca examinadora e ofereceu suas contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho.

À professora Shana Wottrich pela atenção, carinho, acolhimento e incentivo a seguir buscando os meus objetivos.

Aos professores da Graduação e Pós-Graduação em Psicologia, pelos aprendizados, atenção e incentivo, por todo acolhimento que tiveram comigo durante esse tempo que estudei na UFSM. Levarei comigo cada ensinamento e aprendizado que me proporcionaram.

Aos meus amigos Márcia, Rosângela, Aaron, Adriana, Maira, Liliane, Lilian, Silvia, Simone, Maria Olga (minha madrinha), Giovana, Helena, Dona Bete e Jorge, pela presença, carinho, apoio, incentivo e momentos de riso e reflexão.

À Edinara Zanatta pela amizade, apoio, compreensão, incentivo e companheirismo durante esses anos de mestrado. Obrigada por compartilhar momentos difíceis, ajudando a continuar em frente e pelos momentos de riso e descontração.

À Anelise Schaurich dos Santos e Kátia Silveira, pelo acolhimento, apoio, compartilhamento de angústias e alegrias. Pelos nossos encontros que me ajudaram e incentivaram a seguir em frente nos momentos difíceis.

A todos os colegas de mestrado pelo companheirismo e momentos de apoio, em especial, Elenara Farias Lazzaroto da Costa, Rodrigo Bastos e Raquel Flores de Lima.

A Gabriela Koltermann , Adriane Elizabete Oliveira Alves e Sinara Carvalho Giordani pela disponibilidade, aprendizados, incentivos, reflexões, companheirismo e participação no projeto de pesquisa.

A Márcia Elisa Jager e Danielle Souto, queridas colegas que me ajudaram muito, me incentivaram a seguir em frente, desenvolver minhas potencialidades. Pelas oportunidades que me proporcionaram.

A Michele Porto pela ajuda, disponibilidade e incentivo.

As enfermeiras e funcionários das Unidades Básicas de Saúde, principalmente, as enfermeiras Letícia, Janaina, Vandrise, Cibele, e a funcionária Vivian.

A todos que contribuíram para elaboração e execução desse trabalho.

*Podemos nos tornar poderosos pelo conhecimento,  
mas atingimos a plenitude pela simplicidade.*

(Tagore)

## RESUMO

### TORNAR-SE AVÓ NO CONTEXTO DA GRAVIDEZ ADOLESCENTE

AUTORA: Meiridiane Domingues de Deus

ORIENTADORA: Ana Cristina Garcia Dias

O nascimento de um novo membro na família pode provocar mudanças na rotina das pessoas que a compõem, o que torna necessário um ajustamento na vida de todos os familiares envolvidos nesta situação. As mudanças não se relacionam somente a dinâmica familiar, mas também a elaboração de novos papéis e identidades. Atualmente, alguns avós desempenham função de cuidadores, oferecendo apoio afetivo, moral, financeiro e suporte emocional aos filhos e netos. Essa dissertação trata desse tema, sendo composta por dois artigos. O primeiro estudo busca realizar uma revisão integrativa de literatura com o objetivo de investigar as publicações científicas sobre o tema “avós”, publicadas no período de 2005 e 2015. Foi realizada uma busca de estudos nacionais nas bases de dados SciELO e PePsic. Foram selecionados 14 artigos. Constatou-se que os avós são fontes importantes de suporte emocional, carinho e afeto tanto para os filhos como para os netos, isso é particularmente estudado nos contextos de gravidez na adolescência, netos com deficiência e aleitamento materno. O segundo estudo tem como objetivo conhecer como ocorreu o processo de tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente. Participaram da pesquisa 12 mulheres na faixa etária dos 29 a 55 anos. As informações foram coletadas em Unidades Básicas de um município do Interior do Rio Grande do Sul por meio de entrevistas semiestruturadas e do jogo de sentenças incompletas. As análises das informações basearam-se no modelo teórico da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD). Constatou-se que o momento de tornar-se avó caracteriza-se por sentimentos negativos: medo, raiva, tristeza e, positivo: felicidade. As participantes descrevem que não imaginavam tornar-se avó neste momento de suas vidas. Algumas avós consideram que ser avó é ser a segunda mãe da criança. Destaca-se a necessidade de elaboração de políticas públicas que contemplem esse público, além da inclusão de sua participação nas ações de saúde.

**Palavras-chave:** Avó. Tornar-se avó. Gravidez na adolescência. Teoria Fundamentada nos Dados.

## ABSTRACT

### BECOMING A GRANDMOTHER IN THE CONTEXT OF TEEN PREGNANCY

AUTHOR: Meiridiane Domingues de Deus

ADVISOR: Ana Cristina Garcia Dias

The birth of a new member in the family can cause changes in the routine of this group, requiring an adjustment in the lives of all family members involved in this situation. The changes are related not only to family dynamics, but also to the development of new roles and identities. Currently, some grandparents play the role of caregivers, offering moral, financial and emotional support to children and grandchildren. This dissertation deals with this theme, and is composed by two articles. The first study is a critical integrative review aimed to investigate the scientific publications on the topic of grandparents, published from 2005 to 2015. A search of national studies was performed on the SciELO and PEPSIC databases. They selected 14 articles. It was found that grandparents are important sources of emotional support, and affection both for children and for their grandchildren, particularly in contexts of teenage pregnancy, grandchildren with disabilities and breastfeeding. The second study aims to know how was the process of becoming a grandmother in the context of adolescent pregnancy. The participants were 12 women in the age group of 29-55 years. Information was collected in Health Basic Units of a city in Rio Grande do Sul through semi-structured interviews and incomplete sentences game. The analysis was based on the theoretical model of Grounded Theory (DFT). Becoming a grandmother was found to be characterized by negative (fear, anger, sadness) and positive feelings (happiness). Participants report that they never imagined becoming a grandmother at this time of their lives. Some grandparents consider that being a grandmother is to be the second mother of the child. It highlights the need for development of public policies that address this audience, and the inclusion of their participation in health promotion activities.

**Keywords:** Grandmother. Becoming a grandmother. Adolescent Pregnancy. Grounded Theory.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 ARTIGO 1 - ANÁLISE DE ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE AVÓS.....</b>	<b>15</b>
<b>3 ARTIGO 2 - “AVÓ É SEGUNDA MÃE DA CRIANÇA”: TORNAR-SE AVÓ NO CONTEXTO DA GRAVIDEZ ADOLESCENTE.....</b>	<b>41</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>70</b>
<b>APÊNDICE A – Ficha de Dados Socioeconômicos.....</b>	<b>73</b>
<b>APÊNDICE B- Entrevista sobre a relação entre mãe-filha e percepções sobre a gravidez da filha.....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICE C- Entrevista sobre o processo de tornar-se avó.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE D - Jogo das sentenças incompletas.....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICE E- Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE F- Termo de Confidencialidade.....</b>	<b>82</b>

## APRESENTAÇÃO

A segunda metade do século XX é caracterizada por intensas mudanças socioeconômicas e culturais que provocaram alterações na vida de homens e mulheres. Essas transformações desencadearam a necessidade de buscarem possibilidades de se entender as relações pessoais, os laços parentais e as novas configurações familiares (Cardoso, 2011). As mudanças na dinâmica familiar fizeram com que outras pessoas pudessem fazer parte do cotidiano da família, passando a desempenhar atividades ligadas ao serviço doméstico e ao cuidado com as crianças. Desta forma, no atual contexto das relações familiares, os pais diante das diversas dificuldades e atribuições (pessoais, profissionais e parentais) podem passar a recorrer a seus pais (avós) para poderem conciliar e lidar com as diferentes demandas e funções sociais envolvidas no cuidado dos filhos.

Além de poder prover os cuidados básicos da criança, os avós podem contribuir para o desenvolvimento da socialização das crianças (Silva, 2012). São fontes de apoio emocional e financeiro aos filhos em diversas situações da família (Sampaio, 2008). Na maioria das vezes, o nascimento dos primeiros netos se realiza em uma etapa da vida em que muitos avós ainda são ativos, o que possibilita serem mais participativos na vida dos netos, de modo a vivenciar este período como anos de brincadeiras e descobertas do que é ser avô (ó) (Vitale, 2011).

A proximidade dos avós pode ter influência positiva ou negativa na vida dos netos. A diminuição da ansiedade infantil, a participação nos aspectos sociais, cognitivos, morais e emocionais da vida dos netos, o auxílio no relacionamento pais-filhos são exemplos de aspectos positivos que a relação avós-netos podem gerar. Já a influência negativa pode estar relacionada às críticas e intervenções dos avós na criação dada pelos pais a seus filhos, e também, no excesso de mimos direcionado aos netos, realizado pelos avós (Dias, 2008). Os avós devem estabelecer limites nos mimos e caprichos que concedem aos netos. Os pais, no seu papel de educar os filhos, podem reforçar os aspectos positivos da relação entre avós e netos, de modo a incentivá-los a respeitar e amar os avós (Dias, Hora & Aguiar, 2010).

Outro aspecto negativo importante, refere-se à saúde dos avós, pois podem ter maior exposição a riscos de saúde como, por exemplo, doenças, problemas físicos e psicológicos, e preocupação com situação financeira da família, em razão do acúmulo de funções ligadas a sua vida pessoal, laboral, atividades e demandas ligadas aos netos (cuidado, auxílio e em alguns casos, na criação das crianças) (Kelley, Whitley & Campos, 2010).

Os avós são figuras importantes que podem exercer função de apoio moral, financeiro e suporte afetivo tanto para os filhos como para os netos (Cardoso, 2011). Na década de 80, ocorreu um aumento do número de pesquisas com os temas relacionados aos avós, isso se deu especialmente em razão das mudanças da configuração da família contemporânea. Até mesmo a idade em que os indivíduos se tornam avós na atualidade é diferente daquela que era considerada padrão antigamente, visto que tanto é possível observar avós com idades consideradas precoces como 35 anos até indivíduos que se tornam avós mais tardiamente, por exemplo, a partir dos 70 anos.

A partir dessas considerações pode-se pensar que tornar-se avó ou avô na atualidade pode ser algo diferente das experiências vivenciadas anteriormente. Tornar-se avó ou avô pode possibilitar uma renovação de si e da família, além de permitir a expressão de amor incondicional pelos netos (Pessoa, 2005). Mas, esse momento na vida dos avós pode ser permeado não somente por sentimentos positivos e experiências prazerosas, pois há a possibilidade do surgimento de sentimentos ambivalentes e conflituosos, por vezes relacionados a histórias inacabadas e/ou mal elaboradas em relação aos próprios pais, que podem influenciar a vivência desse momento e do exercício de ser avó (Pinto, Arrais & Brasil, 2014).

De acordo com Mann (2007), a maioria dos estudos sobre avós tem como foco as avós. Isso também pode contribuir para ideia de que essas mulheres são responsáveis pela manutenção das relações intergeracionais, enquanto os avôs podem ser vistos como menos importantes e participativos na vida dos netos (Stelle, Fruhauf, Orel & Landry-Meyer, 2010).

Nas famílias, na maioria das vezes, às mulheres é atribuída a responsabilidade pelas atividades relacionadas ao cuidado. Neste contexto, algumas avós devem conciliar suas atividades de mãe, tarefas pessoais (por exemplo, questões do autocuidado, atividades laborais) e o cuidado com os netos (Rodrigues & Justo, 2009). Assim, se constituem importantes pilares de apoio, suporte afetivo e principais fontes de informação das filhas no período gestacional (Santos, Teston, Cecílio, Serafim & Marcon, 2015) e também ao longo da criação dos netos.

O processo de tornar-se avó se inicia na gestação da filha e se estende ao longo da vida, do crescimento e desenvolvimento da criança (Shlomo, Bem-Ari, Findler, Sivan & Dolizki, 2010; Taubman, Bem-Ari, Shlomo & Findler, 2012). Para algumas mulheres, esse período pode configurar-se como uma oportunidade de reparação de erros cometidos na criação e educação dos filhos, ou como um período no qual serão concretizados sonhos não realizados (Kipper & Lopes, 2006).

O processo de tornar-se avó constitui-se como um momento de transição importante na vida de uma mulher, sendo essa temática, ainda pouco explorada pela comunidade científica (Shlomo, Bem-Ari, Findler, Sivan & Dolizki, 2010). A experiência obtida através da participação em um projeto de pesquisa intitulado “Aspectos Biopsicossociais da Gravidez Adolescente: Estudo Longitudinal da Gestação ao Segundo Ano de Vida da Criança” (Piccinini *et al*, 2007), que se caracterizava como um estudo longitudinal cuja amostra era composta de adolescentes grávidas residentes em três cidades do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Santa Maria e Rio Grande), este projeto tinha como objetivo investigar os aspectos biopsicossociais da gravidez adolescente por meio do acompanhamento de 180 gestantes e seus parceiros. A participação da pesquisadora nas atividades de iniciação científica, em que realizava a coleta das informações das adolescentes nos serviços de saúde, contato telefônico com as adolescentes, além de realização de entrevistas e aplicação de instrumentos utilizados no projeto de pesquisa, despertou o interesse em estudar aspectos relacionados ao processo de tornar-se avó (mãe das adolescentes) no contexto do fenômeno da gravidez adolescente. A execução das atividades envolvidas no projeto indicou que a família é uma importante fonte de apoio (financeiro, estrutural e emocional) para as adolescentes gestantes.

Durante o processo de coleta das informações, principalmente no contato telefônico inicial e na aplicação de instrumentos e entrevistas nos serviços de saúde, observou-se a participação ativa das mães das adolescentes no fornecimento de informações relativas às filhas e ao período gestacional. Alguns telefones registrados nos serviços de saúde para o estabelecimento de contato com as gestantes eram das suas genitoras. Além disso, algumas mães, acompanhavam as adolescentes na realização das entrevistas, o que possibilitou conhecê-las e informá-las sobre os objetivos do projeto. Nestes momentos, algumas mães das adolescentes aproveitavam a aplicação dos instrumentos para conversar com a pesquisadora sobre aspectos relacionados ao momento vivenciado por elas e pelas filhas adolescentes. Relatavam seus sentimentos, angústias, reações e o modo como auxiliavam as filhas no cuidado com as crianças. Durante a realização das entrevistas, algumas adolescentes destacaram suas mães como uma fonte de apoio importante e um modelo de mãe a ser seguido.

Assim, durante a participação no projeto e execução das atividades, por meio do relato e contato com as mães das adolescentes, surgiu o interesse em conhecer como ocorre o processo de tornar-se avó a partir da gestação da filha. A participação nas atividades despertou alguns questionamentos na pesquisadora: Como ocorre o processo de tornar-se avó? Como as mães recebem a notícia da gravidez da filha adolescente? Há mudanças na relação

entre a mãe e a filha após a notícia da gestação? Quais os sentimentos e pensamentos despertados nessas mulheres neste momento período? Essas mulheres imaginavam que iriam ser avós neste momento de vida? Quais as suas percepções sobre o que é “ser avó”? Esses questionamentos possibilitaram a elaboração do projeto de pesquisa “Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente”.

A fim de conhecer como ocorre o processo de torna-se avó no contexto da gravidez da filha adolescente e investigar o que as publicações científicas descrevem sobre o tema “avós” foram conduzidos dois estudos. O estudo 1 constitui-se em uma revisão integrativa de literatura realizada nos bancos de dados Scielo e PEPsic sobre o tema “avós”. Já o estudo 2 busca conhecer as percepções das avós maternas dos bebês sobre o processo de tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente. Ao final dos dois estudos, na seção, considerações finais, realiza-se uma discussão integrando ambos.

## ARTIGO 1

### **Avós cuidadores e suas funções: Uma revisão integrativa da literatura**

#### **RESUMO**

*Este estudo teve como objetivo investigar as produções científicas sobre o tema avós, publicadas no período de 2005 a 2015. Realizou-se uma busca de estudos nacionais nas bases de dados SciELO e PePSIC, por meio dos descritores: avós e grandparents e do termo de busca: grandmother. Foram recuperados 139 artigos científicos. Selecionou-se 14 estudos, os quais integraram a amostra final desta revisão integrativa. Os resultados foram divididos em duas categorias: avós cuidadores dos netos e a influência dos avós nas práticas de amamentação. Constatou-se que os avós são figuras importantes no suporte emocional, apoio, carinho e afeto tanto para seus filhos como para os netos. Essas figuras são importantes fontes de apoio no contexto da gravidez na adolescência, de netos com deficiência e do aleitamento materno. Conclui-se a necessidade de elaboração de políticas públicas que abordem questões referentes à saúde física e mental dos avós.*

**Palavras-chave:** avós; avó materna; revisão integrativa.

#### **Grandparents caregivers and their functions: An integrative literature review**

#### **ABSTRACT**

*This study aimed to investigate the scientific production on the theme grandparents, published from 2005 to 2015. We conducted a search of national studies on the databases SciELO and PePSIC using the descriptor grandparents, and the search term grandmother. 139 scientific articles were recovered. We selected 14 studies, which were part of the final sample of this*

*integrative review. The results were divided into two categories: grandparents who take care of grandchildren and the influence of grandmothers on breastfeeding practices. Grandparents were found to be important figures in emotional support, support, and affection both for their children and for their grandchildren. These figures are important sources of support in the context of teenage pregnancy, grandchildren with disabilities and breastfeeding. The conclusion is the need for development of public policies that address issues of physical and mental health of grandparents.*

**Keywords:** grandparents; grandmother; integrative review.

### **Introdução**

Os avós são fonte de apoio, carinho e afeto, o que os torna, em muitos casos, amados, admirados e respeitados pelos netos (Dias, Hora & Aguiar, 2010). Muitas vezes, podem exercer apoio moral, financeiro e suporte afetivo tanto para os filhos como para os netos (Cardoso, 2011). Alguns se encontram apoiando e/ou substituindo os pais, contribuindo para que as crianças consigam lidar com a ausência física dos pais.

A partir da década de 80 houve um aumento do interesse da comunidade científica em pesquisar a relação entre avó e neto. Isso ocorreu devido ao aumento da expectativa de vida, o que propiciou o aumento do número de famílias multigeracionais (Cardoso, 2011; Osuna, 2006). Embora seja nos anos 80 que ocorra o aumento de estudos sobre avós, de acordo com Dias e Silva (1999), na década de 60 já era possível entender as especificidades da relação entre avós e netos ao longo dos anos. Neste período, os avós tinham como função: narrar histórias infantis, mimar os netos e serem cuidadores das crianças na ausência dos pais. Nos anos 70 e 80, os estudos sobre avós estavam relacionados aos tipos de avós e suas funções no meio familiar. As principais funções eram de suporte financeiro, emocional e cuidadores. Já nos anos 90, a função dos avós centrou-se na fonte de apoio nos momentos de dificuldade no ambiente familiar, por serem afetuosos e compreensivos. Além disso, destacaram-se como

propagadores das suas histórias de vida com os netos, de modo a relatar os acontecimentos da infância de seus filhos e da sua própria infância (Dias & Silva, 1999). Na década de 2000, devido ao envelhecimento da população mundial, observou-se o elevado número de bisavós, além disso, avós como responsáveis pelo provimento familiar e aqueles que exerciam a função de cuidadores dos netos (Falcão, 2012).

Os pais, em função das suas atividades cotidianas, têm cada vez menos tempo para se dedicarem aos filhos, com isso, os avós das crianças passam a ser importantes fontes de apoio, segurança, estabilidade e suporte emocional para os seus filhos nos momentos de estresse e/ou dificuldade no grupo familiar (Dias, Hora & Aguiar, 2010; Rabinovich, Moreira & Franco, 2012; Silva, Magalhães & Cavalcante, 2014). Atualmente, frente às particularidades na dinâmica familiar (por exemplo, nos casos de separação, demanda de trabalho dos pais, abandono parental, doença e morte de um dos genitores) e novas atribuições (ser mãe/pai), alguns avós desempenham a função de pais substitutos e cuidadores, oferecendo apoio afetivo e financeiro aos filhos, enquanto outros assumem a função paterna ou materna e junto disso, o papel de avós (Oliveira, 2011; Pinto, Arrais & Brasil, 2014; Vitale, 2008).

De acordo com Oliveira (2011), os avós dificilmente se recusam desempenhar atividades relativas aos cuidados com os netos. Eles parecem assumir um compromisso maior com sua descendência, o que contribui para que eles se responsabilizem pela prole de seus filhos, ainda que essa atividade possa lhes trazer algum prejuízo em suas atividades diárias.

A responsabilidade de criar as crianças é influenciada por outras mulheres além das mães como, por exemplo, as avós (Rabinovich, Moreira & Franco, 2012). As funções da mãe e da avó podem, algumas vezes, parecerem difusas, pois às vezes as avós se apropriam das responsabilidades maternas quando os filhos não podem assumir seus próprios filhos (Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010). Essas mulheres possuem participação ativa no ambiente

familiar, e sua colaboração pode ser renovada no momento em que se tornam avós (Kipper & Lopes, 2006).

Mas, tornar-se avó/ avô pode não ser um processo representado somente por vivências prazerosas (Vitale, 2008). Há uma idealização dos avós, no sentido de que esses papéis sejam desempenhados por pessoas perfeitas e em condições ideais, o que distancia a possibilidade de existir ambivalências e sentimentos conflituosos no exercício dessas funções (Pinto, Arrais & Brasil, 2014). O processo de tornar-se avó pode favorecer o surgimento de decepção, pois muitas vezes, ao receberem a notícia da gravidez da filha, as avós podem não se sentirem felizes com essa nova realidade, e com isso o relacionamentos com a filha pode ser permeado por conflitos (Kipper & Lopes, 2006).

A literatura disponível sobre o tema ressalta uma maior convivência das avós, especialmente as maternas, com os netos (Silva, 2010). As avós maternas são destacadas nas pesquisas como substitutas dos pais nas atividades relacionados à educação, criação e cuidado dos netos (Oburu, 2005; Triadó, Villar, Solé, Osuna & Celdrán, 2006). Esse fato pode favorecer a ideia de que os avôs são menos participativos e importantes na criação dos netos e às avós cabe à manutenção das relações intergeracionais (Stelle, Fruhauf, Orel & Landry-Meyer, 2010), em função do foco das pesquisas relacionar-se em maior parte, as avós (Mann, 2007), dado que pode ser considerado uma importante lacuna nos estudos sobre esse tema. Esse aspecto contribui para um sentimento de impotência dos avôs em relação às avós, pois estes podem gerar e/ou reforçar a crença de que são incapazes de gerir as atividades diárias relacionadas às crianças (Bullock, 2005).

As avós podem suceder os pais das crianças nas atribuições familiares (Rabinovich, Moreira & Franco, 2012), estar presentes na vida dos netos por meio das histórias de vida e de informações relacionadas à família (Rabinovich & Moreira, 2008) e também podem cuidar dos netos (Coutrim, Boroto, Vieira & Maia, 2007), oferecer apoio à família quando há nascimento

de uma criança com problemas de saúde (Simioni & Geib, 2008) ou com alguma deficiência (Matsukura & Yamashiro, 2012). Em alguns casos, o nascimento do (a) neto (a) com alguma deficiência proporciona momentos de reflexão acerca do próprio papel junto a família. A mulher – avó pode deixar de lado interesses os próprios para ajudar a sua família (Yamashiro & Matsukura, 2014).

Outro contexto em que as avós auxiliam e apoiam suas filhas é na prática do aleitamento materno. A amamentação é um ato que possibilita a transmissão de experiências de mãe para filha, que possui influência das tradições familiares (Teixeira, Nitschke & Silva, 2011). As mães das nutrizes podem influenciar de modo positivo ou negativo no processo de amamentação dos netos (Zanin & Schaker, 2010). A inclusão de novos alimentos e líquidos (água e chás), receitas caseiras passadas de mãe para filha, além do oferecimento de água, mamadeira são situações frequentes relacionadas ao aleitamento materno e à presença de avós (Grassley & Eschiti, 2008; Tamborindeguy et al, 2008). A fim de conhecer o que as publicações científicas abordam sobre os avós, funções e diferentes contextos em que estão inseridos, esse estudo objetivou investigar as produções científicas, de modo a conhecer suas perspectivas relacionadas ao tema “avós”.

### **Método**

Realizou-se uma revisão integrativa das produções científicas sobre o tema “avós” publicadas entre os anos de 2005 e 2015. A revisão integrativa constitui-se um método de pesquisa que possibilita a busca, o desenvolvimento de uma síntese de múltiplos estudos publicados e a avaliação crítica das evidências relacionadas a determinado tema a ser investigado. Permite a construção de um panorama atual do assunto a ser pesquisado e possibilita a identificação de lacunas que podem tanto direcionar o desenvolvimento de futuras pesquisas como contribuir para a implementação de intervenções efetivas (Mendes, Silveira & Galvão, 2008). Assim, essa forma de revisão se baseia em uma análise ampla da

literatura, que tem como características: a busca por rigor metodológico, clareza e coerência na apresentação dos resultados, o que possibilita a identificação das especificidades dos estudos para que o leitor consiga entender a forma como foi realizada a seleção das pesquisas pelo(s) revisor (es) (Lobiondo-Wood, 2006). Esse método de pesquisa ainda pode permitir a identificação de lacunas nas pesquisas sobre determinado tema, o que pode contribuir para que essas sejam preenchidas com a realização de novos estudos (Polit & Beck, 2006).

A busca ocorreu no mês de novembro de 2015, nas bases de dados: *The Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC). Optou-se por essas bases de dados pela possibilidade de acesso ao texto completo de publicações nacionais. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão na amostra desse estudo: (1) o acesso aos resumos e textos integrais de artigos publicados em periódicos anexados, (2) ter sido publicado no período de 2005 a 2015, (3) ser um trabalho empírico, (4) estar relacionado ao cuidado dos avós com netos em diversos contextos. Optou-se por esses critérios pelas seguintes razões: (1) acessibilidade aos artigos, (2) literatura mais atual sobre o tema (últimos 10 anos), (3) investigar estudos que apresentam dados empíricos e (4) artigos que abordam o cuidado dos avós com netos.

Para a seleção dos artigos, foram utilizados os descritores por meio do acesso a Terminologia em Psicologia da BVS-Psi, encontrou-se as palavras: avós e *grandparents*. Optou-se também pelo uso do termo de busca: *grandmother*, em função da necessidade de conhecer as publicações científicas referentes aos avós nas bases de dados citadas. A literatura sobre o tema ressalta que as avós maternas têm maior convivência com os netos (Silva, 2010). Além disso, são destacadas nas pesquisas como substitutas dos pais na educação, criação e cuidado dos netos (Oburu, 2005; Triadó, Villar, Solé, Osuna & Celdrán, 2006). Assim, optou-se por realizar uma busca através dos descritores “avós e *grandparents*”

e no termo *grandmother*, a fim de entender as funções dos avós cuidadores, bem como das avós cuidadoras. Obteve-se 139 artigos recuperados.

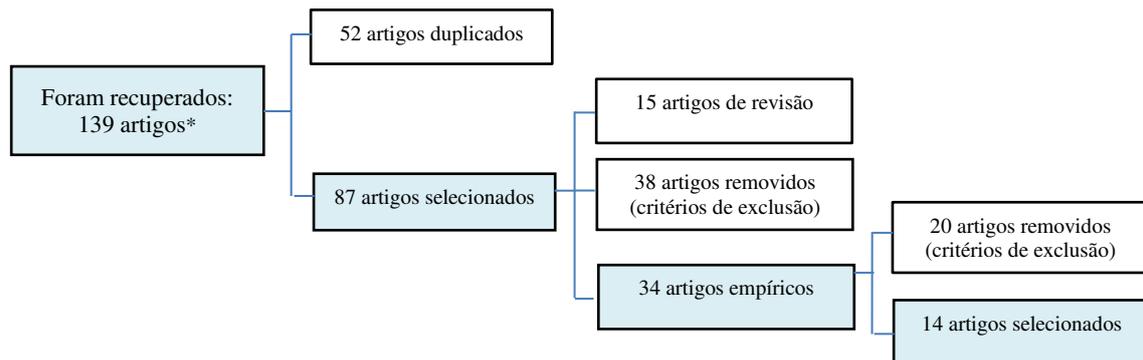
A busca dos artigos na base de dados SciELO, utilizando o descritor - avós, método “integrado”, escolhendo como local o “Brasil”, recuperou 82 artigos. Realizada a primeira filtragem, optando pelo período: “últimos 10 anos”, restaram 61 artigos. Na segunda filtragem delimitando as áreas temáticas sobraram 48 artigos. Para o descritor - *grandparents* foram recuperados 51 artigos. Na primeira filtragem optando pelos artigos do período: “últimos 10 anos” restaram 37 artigos, que foram reduzidos ao se limitar algumas áreas temáticas, resultando em 26 artigos. Ao se utilizar o termo - *grandmother* - selecionou-se 40 artigos. Na filtragem dos estudos nos “últimos 10 anos” foram selecionados 29 estudos. Posteriormente, ao restringir as áreas temáticas foram recuperados 24 artigos científicos. No total, selecionou-se 98 estudos.

No Banco de dados PePSIC, ao utilizar o descritor - avós - foram recuperados 20 artigos. Realizada a delimitação por meio do ano de publicação, período: “últimos 10 anos”, - restaram 18 artigos. A utilização do descritor - *grandparents* recuperou 14 artigos. Já o termo de busca - *grandmother* - buscou 9 artigos. Esses artigos integraram a amostra final dessa base de dados representada por 41 artigos.

Para este estudo foram analisados 139 artigos científicos. Foram excluídos 52 artigos por estarem duplicados. Dos 87 estudos restantes foram excluídos 15 estudos de revisão de literatura e 38 artigos empíricos. Os artigos de revisão tratavam de temas como a análise da figura dos avós na literatura infantil (Fernandes, 2013; Ramos, 2015).. Os artigos empíricos excluídos, por sua vez, abordavam outros temas que não aqueles relacionados ao papel dos avós, como: práticas alimentares de crianças desnutridas menores de dois anos de idade (Chuproski, Tsupal, Furtado & Mello, 2012); exposição e proteção solar de estudante de medicina (Purim & Wroblevski, 2014); treinamento esfínteriano de crianças com idade de 3

a 6 anos (Miranda & Machado, 2011) e o uso da mamadeira no primeiro ano de vida (França et al, 2008).

A figura 1 descreve o processo de seleção das produções científicas nas bases referidas. Desse total, foram selecionados 14 artigos. Esses artigos irão compor a revisão integrativa.



A construção das categorias ocorreu após a leitura na íntegra dos artigos. Para a descrição dos resultados dos estudos foram delimitadas categorias analíticas, cuja categorização ocorreu por meio da análise de conteúdo temático-categorial, conforme proposta de Oliveira (2008). A elaboração das categorias obedeceu aos seguintes critérios: (1) classificação e diferenciação do conteúdo dos artigos, (2) adequação ou pertinência do conteúdo ao objetivo do estudo e (3) agrupamento dos temas afins. Os artigos foram agrupados nas seguintes categorias: (1) Avós cuidadores dos netos e 2) A influência dos avós nas práticas de amamentação.

## Resultados e Discussão

### Avós cuidadores dos netos

Nesta categoria serão discutidos aspectos relativos aos avós cuidadores dos netos. Os artigos selecionados para essa categoria tratam de temas como: as implicações dos avós na criação dos netos (Mainetti & Wanderbroocke, 2013), a relação entre avós e netos (Dias, Hora & Aguiar, 2010; Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010), o cuidado dos netos (Cardoso & Brito, 2014), o lugar da avó no apoio parental (Pinto, Arrais, & Brasil, 2014), o relacionamento intergeracional e as práticas de cuidado em famílias com crianças com necessidades especiais

(Matsukura & Yamashiro, 2012), a interação entre avós e netos em situação de acolhimento infantil (Silva, Magalhães & Cavalcante, 2014), as relações familiares de adolescentes primíparas de baixa renda e suas mães (Falcão & Salomão, 2005) e o processo de tornar-se avó (Kipper & Lopes, 2006).

O estudo realizado por Mainetti e Wanderbroocke (2013), com 10 mulheres com idade entre 52 e 72 anos, que teve como objetivo investigar as implicações da criação de netos pelos avós, abordou o lugar da mulher na sociedade contemporânea. Este estudo demonstra que prevalece a ideia de que cabe a mulher a responsabilidade de assumir a criação dos filhos, sendo que as funções de mãe e avó podem, algumas vezes, tornarem-se difusas. Os resultados indicam que as avós podem assumir o cuidado dos netos por diferentes motivos: pela sobrecarga de trabalho dos filhos, por questões financeiras, por deficiência física ou mental dos filhos, por morte de um dos genitores, por desconhecimento da paternidade, por dependência química dos filhos, por situação de recasamento da(o)(s) filha(o)(s), por abandono dos netos e por abuso infantil e/ou negligência.

Dias, Hora e Aguiar (2010), ao realizarem um estudo com 43 netas e 35 netos, com a finalidade de investigar como os jovens criados por avós e pai percebem e vivenciam tal situação, encontraram que os netos são cuidados pelos avós em função de questões de trabalho e/ou financeira dos genitores, por questões de trabalho e/ou viagem de um dos pais. Ao assumir a responsabilidade pelos cuidados dos netos, algumas avós podem contribuir para que as mães e os pais não assumam ou apenas se responsabilizem parcialmente por suas funções parentais.

A relação entre avós e netos também foi salientada por Oliveira, Vianna e Cárdenas (2010), por meio da realização de uma pesquisa com 17 avós e netos, com o objetivo de avaliar a relação entre avós e netos no período da infância. Através das entrevistas, as participantes destacaram que mantêm uma relação emocional próxima com os netos, na

medida em que os educam, protegem e decidem questões relativas à sua vida e, com isso, podem sentirem-se satisfeitas com essa participação. Na perspectiva dos netos, a relação que estabelecem com as avós é baseada em momentos de diversão, afeto, carinho, alegria, satisfação e expressam sentimentos de orgulho por essas figuras parentais. Mas, salientam como aspectos negativos, o sentimento de inferioridade em relação aos outros netos que não são cuidado pelas avós, como por exemplo, seus primos e irmãos (Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010). Dias (2008) salienta que a relação entre avós e netos pode ter influência negativa na vida das crianças, principalmente quando os avós mimam em excesso os netos e/ou estes criticam seus filhos em relação à criação dada as crianças.

Um estudo realizado por Cardoso e Brito (2014), com 12 avós, com objetivo de compreender como as avós cuidam dos netos para que os pais trabalhem, descreve que o engajamento nos cuidados com os netos desperta nas avós sentimentos diversos como: amor incondicional, alegria, gratificação, prazer e obrigação de cuidar os netos. Algumas avós podem considerar os netos como companheiros, auxiliares nas atividades e momentos difíceis das suas vidas, o que pode possibilitar o surgimento de sentimentos de gratificação, renovação e companhia. Contudo, para Lopes, Neri e Park (2005), a tarefa de cuidar dos netos também pode estar associada a aspectos negativos como: conflitos com os filhos em função de concepções sobre a criação dos netos, a queda da qualidade da saúde física e emocional das avós, interferências em suas vidas social e familiar, sobrecarga financeira e a vivencia de sentimentos como esgotamento emocional e cansaço.

O estudo de caso realizado por Pinto, Arrais e Brasil (2014) com uma adolescente de 15 anos, estudante de uma escola do Distrito Federal, com objetivo de identificar e discutir o lugar da avó como apoio parental, aborda uma questão importante, o fato da imagem das avós serem referenciadas como figuras romantizadas, tendo a função de dar conselhos e atenção

aos netos. Afirmam também, que ao exercerem o papel de mães substitutas podem vivenciar sofrimento psíquico e sobrecarga física e emocional em relação à função.

O significado do que é ser avó variou entre as participantes dos estudos. Algumas avós, por vezes, possuem a atribuição de serem mães substitutas das crianças, na medida em que assumem a responsabilidade e o cuidado integral dos netos (Cardoso & Brito, 2014; Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Outras avós desejam apenas ocupar o lugar de cuidadoras, e enquanto algumas avós afirmam realizar essa atividade por imposição dos filhos, para que estes possam trabalhar (Cardoso & Brito, 2014). Destaca-se que para as participantes do estudo de Cardoso e Brito (2014), ser avó é melhor do que ser mãe, visto que já possuem mais experiência e por isso, conseguem lidar melhor com os problemas familiares, principalmente aqueles que envolvem os netos. Já na pesquisa de Dias, Hora e Aguiar (2014), algumas avós se consideram como coeducadoras, pois não assumem somente para si as responsabilidades da criação dos netos, mas compartilham com seus pais. Em muitas famílias, as avós são as responsáveis pela educação, saúde, vida escolar e cuidados diários dos netos (Mainetti & Wanderbroocke, 2013). Além disso, desempenham atividades como: brincar, ver televisão, ajudar nas tarefas escolares independentemente da faixa etária dos netos (Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010), contar histórias, passear do mesmo modo como faziam com os filhos (Cardoso & Brito, 2014).

As avós também são figuras importantes no auxílio de famílias com crianças com deficiência. O estudo realizado por Matsukura e Yamashiro (2012) realizado com cinco mães, cinco avós e cinco irmãos de criança com necessidades educacionais especiais, tendo como objetivo investigar o relacionamento intergeracional e as práticas de apoio presente no cotidiano de famílias de crianças com deficiência, destacou que as avós podem ser agentes terapêuticos para seus netos, de modo a exercer uma influência positiva em suas vidas. Essas mulheres ao terem conhecimento da deficiência do (a) neto (a), podem ter uma dupla

preocupação, a primeira, em relação à apreensão pelo seu próprio filho (o pai/mãe da criança) em relação à descoberta do filho com deficiência e depois, em função da criança e suas condições, mas podem auxiliar a família no suporte afetivo e material (atividades domésticas e ajuda financeira), além de cuidar das crianças.

Silva, Magalhães e Cavalcante (2014) realizaram uma pesquisa com 25 avós e 31 crianças da região metropolitana de Belém, que tinha como objetivo descrever aspectos relativos às interações entre avós e netos em situação de acolhimento institucional, destacaram que a maioria dos avós possui uma relação afetiva e lúdica com os netos. Os autores observam que a figura dos avós são importantes fontes de apoio nos momentos de dificuldades no meio familiar, exercendo influência positiva na vida dos seus descendentes, como também, contribuem para o seu desenvolvimento. Esse estudo contribui para que se compreenda a importância dos avós no contexto do acolhimento infantil, como também, sua influência no processo de retorno dos netos ao meio familiar.

Outro contexto em que as avós se destacam como fonte de apoio, refere-se à maternidade adolescente. Falcão e Salomão (2005) realizaram uma pesquisa na cidade de João Pessoa, com 25 adolescentes primíparas e suas mães (avós maternas dos bebês), com idade entre 30 e 48, constatou que do total de mães, 18 engravidaram no período da adolescência. Este estudo salienta que as relações familiares antes da gravidez das adolescentes eram difíceis sendo, às vezes, permeadas por sentimentos de rejeição e solidão por parte das adolescentes em relação à família. Neste contexto, algumas avós tinham como função tentar amenizar o estresse familiar gerado pela notícia da gestação. Na busca por um equilíbrio funcional da família, algumas mães orientaram suas filhas a praticarem o aborto, outras relataram que a vinda de uma criança possibilitou a união dos membros da família. As avós, principalmente as maternas, são destacadas nas pesquisas científicas como auxiliares e substitutas dos pais das crianças nas atividades ligadas à educação, criação e cuidados dos netos (Triadó, Villar, Solé,

Osuna & Celdrán, 2006; Oburu, 2005). Configuram-se como importantes figuras de apoio para as filhas nos períodos perinatal e pós-natal (Iseki & Ohashi, 2014).

O estudo de caso coletivo realizado por Kipper e Lopes (2006) com 11 avós maternas com média de idade de 56 anos, que tinha como objetivo investigar a experiência de tornar-se avó e sua importância no processo de individuação destaca que o momento de tornar-se avó pode ser algo aguardado, renovador e maravilhoso para algumas mulheres, enquanto que para outras, um período de decepção, pois não esperavam que as filhas engravidassem. Neste momento são tidas como importantes fontes de apoio e ajuda para as filhas. O processo de tornar-se avó/avô pode possibilitar a essas mulheres à oportunidade de ter o amor e a atenção dos filhos adultos (Pires, 2015). Mas, o processo de tornar-se avó/avô não é somente permeado por vivências prazerosas (Vitale, 2008). As avós, mesmo sendo figuras de apoio, podem possuir sentimentos ambivalentes e conflituosos, por vezes, mal elaborados, histórias inacabadas em relação aos próprios pais, que influenciam a sua vivência de tornar-se e o exercício de ser avó (Pinto, Arrais & Brasil, 2014).

Os estudos selecionados destacam os seguintes temas para como sugestão de novas pesquisas: o significado do envelhecimento para os avós, as diferenças entre o papel da avó e do avô no ambiente familiar (Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010), o impacto da vida conjugal e social das avós e suas implicações na vida dos netos adultos criados pelas avós (Mainetti & Wanderbroocke, 2013), a relação entre avós, filhos e netos (Dias, Hora & Aguiar, 2010), necessidade de atenção especializada aos membros da família com crianças com deficiência (Matsukura & Yamashiro, 2012) e a realização de estudos longitudinais sobre o tornar-se avó desde o período gestacional da filha. Além de estudos que contemplem as avós paternas e maternas como forma de analisar as peculiaridades dessas figuras parentais (Kipper & Lopes, 2006).

Outra questão que merece destaque é o desenvolvimento de pesquisas sobre o processo de tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente. Esse momento representa uma transição importante na vida de uma mulher, pois pode despertar sentimentos positivos, proporcionar crescimento pessoal, mas também, angústias e aumento dos gastos na família (Shlomo, Ben-Ari, Findler, Sivan & Dolizki, 2010). Neste contexto, as avós dos bebês tendem a compartilhar dos cuidados com netos junto as suas filhas nos primeiros meses, período em que a adolescente está aprendendo e desenvolvendo capacidades e competências (Oberlander, Black & Starr, 2007). Isso se justifica pela ideia de que diante de novas circunstâncias, é fundamental contar com o apoio e experiências de pessoas mais experientes (Falcão & Salomão, 2005).

#### **A influência dos avós nas práticas de amamentação**

Essa categoria apresenta os artigos relacionados à influência dos avós nas práticas de amamentação. Além de destacar as implicações positivas e negativas no envolvimento e no auxílio das avós dos bebês nas práticas de amamentação das filhas. Os artigos que compõem essa categoria referem-se aos seguintes temas: práticas alimentares de lactentes (Gross, Sand, Girardon-Perlini & Cabral, 2011), representações sociais sobre amamentação (Moreira, Nascimento & Paiva, 2013), desenvolvimento motor de lactentes de mães adolescentes (Oliveira, Chiquetti & Santos, 2013), influência das avós na prática do aleitamento materno (Susin, Giugliani & Krummer, 2005) e modelo de cuidar e o processo de amamentação de mulheres (Teixeira & Nitschke, 2008).

O aleitamento materno é uma prática que envolve relação de ensino e aprendizagem entre gerações no espaço familiar. As mulheres necessitam de modelos de pessoas mais experientes que já vivenciaram a prática da amamentação, no caso, suas mães e/ou avós maternas (Moreira, Nascimento & Paiva, 2013, Teixeira & Nitschke, 2008). Para Teixeira e Nitschke (2008), que realizaram um estudo com três mulheres-avós que acompanharam suas filhas,

noras e netas durante o processo de amamentação, as mães e avós, muitas vezes, são tidas como detentoras de muitos conhecimentos que podem contribuir para implementação de cuidados necessários à família em processo de amamentação.

A prática do aleitamento materno é valorizada culturalmente como a primeira opção de alimentação às crianças, inclusive com recomendações e significados influenciados e transmitidos de modo intergeracional (Gross, Van der Sand, Girardon-Perlini & Cabral, 2011; Moreira, Nascimento, & Paiva, 2013). As avós podem exercer influências nas decisões das filhas em relação à alimentação das crianças, principalmente se tiverem um contato diário (Susin, Giugliani & Kummer, 2005). Mas, nem sempre haverá uma concordância entre os desejos das mães e as atitudes das avós em relação à alimentação da criança. No caso das mães jovens, devido à dependência financeira e/ou emocional em relação à família de origem, muitas vezes, por residir com suas mães acabam por subordinarem-se as vontades e crenças em relação aos cuidados com seu filho (Gross, Van der Sand, Girardon-Perlini & Cabral, 2011).

A amamentação constitui-se um aspecto a ser incentivado, ensinado e aprendido pela sociedade como um todo, tanto por profissionais de saúde como pela família (Batista, Farias & Melo, 2013). Configura-se como um cuidado cultural familiar que possibilita a construção de significados de nutrição, proteção, integração e afeto (Teixeira, Nitschke & Silva, 2011). Nesta perspectiva, cada família com suas particularidades influencia o processo de amamentação por meio de trocas de experiências e conhecimentos que priorizem o sucesso do aleitamento materno (Teixeira, Nitschke & Silva, 2011).

O estudo realizado por Susin, Giugliani & Kummer (2005) constatou que as avós maternas ajudam as mães com mais frequência que as paternas no período da amamentação. Em relação às orientações prestadas às filhas, Gross, Van der Sand, Girardon-Perlini e Cabral (2011) afirmam que nem sempre as avós maternas aconselham suas filhas, sendo que essa

função é desempenhada, às vezes, pelas avós paternas. Essas figuras parentais recomendam que suas filhas e noras ofereçam o leite materno para os bebês por acreditarem ser o mais adequado para o crescimento e desenvolvimento da criança, e além disso, consideram que o aleitamento materno deve ocorrer em maior tempo possível, de preferência por, no mínimo, seis meses (Gross, Van der Sand, Girardon-Perlini & Cabral, 2011). Esses autores ainda explicitam que as avós se preocupam com a alimentação das suas filhas e noras, pois consideram que esse aspecto tem influência no êxito do aleitamento materno.

O apoio das avós pode favorecer sentimentos positivos como, por exemplo, de segurança e conforto em relação à amamentação (Gross, Van der Sand, Girardon-Perlini & Cabral, 2011). Além de poder contribuir para o desenvolvimento motor das crianças, como é o caso do estudo realizado por Oliveira, Chiquetti e Santos (2013) que tem como objetivo caracterizar o desenvolvimento motor e as oportunidades ambientais de lactentes de mães adolescentes, bem como comparar o desenvolvimento motor dos lactentes que moram com as avós com o desenvolvimento dos que moram apenas com os pais. Embora esse estudo tenha como limitação a amostra (17 avós) foi possível constatar que os lactentes de mães adolescentes que moram com as avós possuíram melhor desempenho motor em relação aos que moram apenas com os pais, apesar não ser observadas associações entre influências ambientais e desempenho motor. Os autores salientam a necessidade de estudos longitudinais para acompanhamento dos filhos de mães adolescente para entender essas diferenças no desempenho motor das crianças.

A pesquisa realizada por Iseki e Ohashi (2014) com 600 avós japonesas, sendo que 216 responderam aos instrumentos da pesquisa completamente. O estudo tinha como objetivo investigar a influência do apoio perinatal a filhas no bem-estar das avós maternas dos bebês. Constatou que essas mulheres são importantes figuras de apoio para as suas filhas, o que motiva algumas mães a retornarem para a casa dos seus pais no final da gravidez a fim de

receber apoio e cuidados da sua família nos períodos perinatal e pós-natal. Isso pode acarretar sobrecarga na saúde das avós. Além disso, as avós podem influenciar por meio de conselhos no período de amamentação dos bebês (Grassley & Eschiti, 2008).

As avós também podem influenciar negativamente as práticas alimentares de uma criança, pois muitas vezes em razão da sua experiência, desejam passar os seus conhecimentos para as filhas, mas essas recomendações podem ir de encontro ao que é aconselhado para o desenvolvimento das crianças (Susin, Giugliani, & Kummer, 2005). Exemplo disso, são as experiências relativas ao uso de chás, consideradas positivas e influenciadas pelas avós e as mães, algo aprendido e herdado culturalmente (Gross, Van der Sand, Girardon-Perlini, & Cabral, 2011). A inclusão de novos alimentos e líquidos (água e chás), receitas caseiras passadas de mãe para filha, além do oferecimento de água, mamadeira são situações frequentes relacionadas ao aleitamento materno (Grassley & Eschiti, 2008; Tamborindéguy et al, 2008). O estudo realizado por Susin, Giugliani e Kummer (2005) com mães adultas constatou que algumas avós tomaram a iniciativa de introduzir líquidos na alimentação das crianças, como por exemplo, uso de água, chá e outro leite. Isso pode contribuir significativamente para o abandono da amamentação exclusiva no primeiro mês de vida do bebê. Esse dado vai ao encontro à pesquisa de Gross, Van der Sand, Girardon-Perlini, e Cabral, (2011), principalmente quando as mães estão com problema mamário, com hipogalactia ou quando as crianças adoecem, nesses casos as avós orientam as noras e filhas a introduzir na alimentação da criança outros tipos de alimentos. Outro aspecto que pode contribuir negativamente se refere ao contato diário das avós com as filhas e noras, pois podem interferir em relação à exclusividade e duração o processo de amamentação (Susin, Giugliani & Kummer, 2005).

Estudos internacionais retratam aspectos importantes em comparação aos realizados no Brasil. Um estudo realizado no México, com o objetivo de explorar os papéis desempenhados

pelas pessoas que convivem com a nutriz destacou que avós (materna e paterna) têm uma contribuição ambígua, ao mesmo tempo, em que influenciam positivamente podem contribuir negativamente para a interrupção do aleitamento materno, ao incentivar o uso de água ou do chá na alimentação do bebê (Turmbull, Plaza, Escalante-Izita, Klunder- Klunder, 2006). Já no Nepal, as avós têm influência positiva de modo a incentivar o aleitamento materno exclusivo e destacar a importância do leite materno para o desenvolvimento da criança (Masvie, 2006). Em Malawi, na África, a UNICEF e OMS realizaram um projeto denominado *Grandmothers Project* que teve como objetivo capacitar às avós em relação ao aleitamento materno. O estudo teve resultados positivos, pois promoveu mudanças relacionadas à amamentação exclusiva e alimentação complementar. O trabalho com educação para a saúde raramente tem como público-alvo os avós, e até mesmo quando estão comprometidos com as propostas em saúde, não são muito levados em consideração (Kerr, Dakishoni, Shumba, Msachi, & Chirva, 2007).

É necessário criar meios de inclusão das avós em programas de promoção do aleitamento materno, afim de melhor capacitá-las para que possam influenciar positivamente na amamentação de suas filhas e /ou noras (Susin, Giugliani & Kummer, 2005). Além disso, possibilitar a realização de novas pesquisas que deem voz às avós em relação às interações com as filhas e/ou noras e os cuidados com a alimentação dos netos (Gross, Van der Sand, Girardon-Perlini& Cabral, 2011), com também, investigar a contribuição intergeracional e a influência na prática de amamentar (Moreira, Nascimento & Paiva, 2013). O estudo de Moreira, Nascimento & Paiva (2013) destacou que há uma escassez de estudos com o tema das representações sociais influenciada pela intergeracionalidade nas práticas de amamentação.

### **Considerações finais**

Este estudo objetivou investigar as produções científicas e suas perspectivas sobre o tema “avós”. Os principais resultados destacam que as avós têm exercido a função de fontes de apoio e suporte emocional, carinho e afeto para os seus filhos nos momentos de estresse e/ou dificuldade no grupo familiar (Dias, Hora & Aguiar, 2010; Silva, Magalhães & Cavalcante, 2014). Os artigos destacaram que as avós podem ter como funções: ser coeducadoras (Dias, Hora & Aguiar, 2010), mães substitutas dos netos (Cardoso & Brito, 2014; Pinto, Arrais & Brasil, 2014), serem responsáveis pela educação, saúde, vida escolar e cuidados diários dos netos (Mainetti & Wanderbroocke, 2013).

Salienta-se a importância da realização de mais pesquisas sobre as avós em outras perspectivas (como por exemplo, no contexto de privação de liberdade, gravidez e maternidade adolescente, amamentação, separação, recasamento e crianças com deficiências ou doenças). Destaca-se a necessidade de estudos que contemple suas funções no meio familiar, bem como sua interação com seus filhos, genros e noras, e implicações para sua saúde física e mental. No contexto da gravidez adolescente, destaca-se a necessidade de estudos que contemplem as funções das avós e avôs, bem como suas reações e percepções sobre esse evento. Sugere-se também a realização de estudos que contemplem as sugestões da prática de aborto às gestantes dada pelas suas mães. Além desse contexto, destacar a situação da maternidade adolescente, onde pode ser possível identificar as funções de cuidado que as avós desempenham neste momento da vida das filhas.

Além disso, ressalta-se a necessidade de elaboração de políticas públicas que incluam os avós e suas especificidades no meio familiar, como também questões relativas ao seu autocuidado.

Em relação às avós e a amamentação destaca-se a necessidade de ações de promoção de saúde que capacitem as avós em relação à importância do aleitamento materno e da

amamentação exclusiva. Assim como estudos que relacionem as crenças e práticas de amamentação reproduzidas no meio familiar ao longo das gerações.

Este estudo não tem a pretensão de promover generalizações, visto que os artigos foram analisados em somente duas bases de dados (SciELO e Pepsic), mas permite alertar a comunidade científica para importantes questões práticas e de pesquisa com foco nos avós. Além disso, possibilitar reflexões sobre fatores podem estar associado ao cuidado dos avós aos netos, como por exemplo, a falta de vagas nas creches, principalmente em regiões de interesse social. Além disso, destacar a necessidade de ampliação de vagas nas instituições de ensino infantil para que os pais (mãe e pai) possam deixar os seus filhos e com isso, não sobrecarregar os avós. Abordar esse tema também reforça que a ampliação de pesquisas pode contribuir para a prática e capacitação de profissionais de saúde que trabalham direta ou indiretamente com avós, como também, estimular políticas públicas que abordem questões referentes aos avós como a sua saúde física e mental.

## **REFERÊNCIAS**

- Batista, K. R. A., Farias, M. C. A. & Melo, W. S. N. (2013). Influência da assistência de enfermagem na prática da amamentação no puerpério imediato. *Saúde em Debate*, 37(96), 130-138.
- Bullock, K. (2005). Grandfathers and the impact of raising grandchildren. *Journal of Sociology & Social Welfare*, 32(1), 43-59.
- Cardoso, A. R. (2011). *Avós no século XXI*. Mutações e rearranjos na família contemporânea. Curitiba: Juruá.
- Cardoso, A. R. & Brito, L. M. T. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse?. *Psico-USF*, Bragança Paulista, 19(3), 433-441.

- Chuproski, P., Tsupal, P. A., Furtado, M. C. C. & Mello, D. F. (2012). Práticas alimentares de crianças desnutridas menores de dois anos de idade. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(4), 118- 125.
- Coutrim, R. M. E., Boroto, I. G., Vieira, L.C. & Maia, I. O. (2007). *O que os avós ensinam aos netos? A influência da relação intergeracional na educação formal e informal*. GT12: Gerações – Entre Solidariedades e Conflitos, Recife, XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 29 maio a 1 junho de 2007. Recuperado em 21/12/2015, disponível em [http://www.sbsociologia.com.br/congresso\\_v02/hot\\_papers.asp](http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/hot_papers.asp).
- Dias, C. M. S. B. & Silva, D. V. (1999). Os avôs: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família, entre a tradição e a transformação* (pp. 118-149). Rio de Janeiro: Nau.
- Dias, C. M. S. B. (2008). Pais são para criar e avós para estragar: será? In: GOMES, I. C. (Org.). *Família, diagnóstico e abordagens terapêuticas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 67-72.
- Dias, C. M. S. B., Hora, F. F. A. & Aguiar, A. G. S. (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(2), 188-199.
- Falcão, D. V. (2012). A pessoa idosa no contexto da família. In: Makilin, N. B.; Maycoln, L. T. (Orgs.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (pp. 100-111). Porto Alegre: Artmed.
- Falcão, D. V. S. & Salomão, N. M. R. (2005). O papel dos avós na maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 22(2), 205-212.
- Fernandes, C. R. D. (2013). Avós e netos na literatura infantil: vidas compartilhadas. *Educação & Realidade*, 38(4), 1089-1112.
- França, M. G. T et al. (2008). Uso da mamadeira no primeiro mês de vida:determinantes e influenciadora técnica de amamentação. *Revista Saúde Pública*, 42(4), 607-614.

Grassley J. & Eschiti V.(2008). Grandmother breastfeeding support: what do mothers need and want?

*Birth*,35: 329–335.

Gross, F. M., Van der Sand, I. C. P., Girardoni-Perlini, N. M. O. & Cabral, F. B. (2011). Influência das avós na alimentação de lactentes: o que dizem suas filhas e noras. *Acta Paulista de Enfermagem*, 24(4), 534-540.

Iseki, A. & Ohashi, K. (2014).Relationship in Japan between maternal grandmothers' perinatal support and their self-esteem.*Nursing and Health Sciences*, 16, 157-163.

Kipper, C. D. R. & Lopes, R. S. (2006). O Tornar-se avó no Processo de Individuação. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 22(1), 29-34.

Kerr, R., Dakishoni, L., Shumba, L., Msachi, R. &Chirwa, M. (2007). “We Grandmothers know plenty”: Breastfeeding, complementary feeding and multifaceted role of grandmothers in Malawi. *Social Science & Medicine*, 1095- 1105.

Lobiondo-Wood, G, H. J. *Nursing research: methods and critical appraisal for evidence-based practice*. 6ª ed. St. Louis (USA): Mosby/Elsevier; 2006.

Lopes, E. S. L., Neri, A. L. & Park, M. B. (2005). Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea. *Textos sobre Envelhecimento*, 8(2), 30-32.

Mainetti, A. C. & Wanderbroocke, A. C. N. S. (2013).Avó que assumem a criação dos netos. *Pensando Famílias*, 17(1), 87-98.

Mann, R. (2007).Out of the shadows?:Grandfatherhood, age and masculinities. *Journal of Aging Studies*, 21, 281–291.

Matsukura, T. S. &Yamashiro, J. A. (2012). Relacionamento intergeracional, práticas de apoio e cotidiano de famílias de crianças com necessidades especiais. *Revista Brasileira de Educação Especial*,18(4), 647-660.

- Masvie H.(2006). The role of Tamang mothers-in-law in promoting breast feeding in Makwanpur District, Nepal.*Midwifery*, 22(1), 23-31.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P. & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enfermagem*,17(4), 758-764.
- Miranda, J. E. G. B. & Machado, N. C. (2014). Treinamento esfinteriano anal: estudo transversal em crianças de 3 a 6 anos de idade. *Revista paulista de Pediatria*, 29(3), 400-405.
- Moreira, M. A., Nascimento, E. R. & Paiva, M. S. (2013). Representações sociais de mulheres de três gerações sobre práticas de amamentação. *TextoContextoEnfermagem*, 22(2), 432-441.
- Oberlander, S. E., Black, M. M. & Starr Jr, R. H. (2007).African American Adolescent mothers and grandmothers: A multigenerational approach to parenting. *American Journal of Community Psychology*, 39, 37-46.
- Oburu, P. O. (2005). Caregiving stress and adjustment problems of Kenyan orphans raised by grandmothers. *Early Development and parenting*, 14(2), 199-220.
- Oliveira, D. C. (2008).Análise de Conteúdo Temático-Categorial: Uma proposta de sistematização. *Revista de Enfermagem*, UERJ, Rio de Janeiro, 16(4), 569-576.
- Oliveira, A. R. V., Vianna, L. G. & Cárdenas, C. J. (2010). Avosidade: Visões de avó e de seus netos no período da infância. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 467-474.
- Oliveira, A. S., Chiquetti, E. M. S. & Santos, H. (2013). Caracterização do desenvolvimento motor de lactentes de mães adolescentes. *Fisioterapia e Pesquisa*, 20(4), 349-354.
- Oliveira, M. R. (2011). *As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos*. (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

- Osuna, M. J. (2006). Relaciones familiares em la vez: vinculo de los abuelos y las abuelas com sus nietos y nietas em la infância. *Revista Multidisciplinar Gerontologia*, 16(1), 16-25.
- Pinto, K. L. B., Arrais, A. R. & Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade X maternidade: Avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF*, Bragança Paulista, 19(1), 37-47, jan./abr.
- Pires, S. (2015). *Voternidade*. Ser avô, ser avó: um doce desafio. Biblioteca 24 horas.1ªEd. São Paulo.
- Polit, D.F. & Beck, C. T. (2006). Using research in evidence-based nursing practice. In: Polit, D. F; Beck, C.T., editors. *Essentials of nursing research*.Methods, appraisal and utilization. Philadelphia (USA): Lippincott Williams & Wilkins, 457-494.
- Purim, K. S. M. & Wroblevski, F. C.(2014). Exposição e proteção solar dos estudantes de Medician de Curitiba (PR). *Revista Brasileira de Educação Médica*, 38(4), 477-485.
- Rabinovich, E. P. & Moreira, L. V. C. (2008). Significados de família para crianças paulistas. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 447-455.
- Rabinovich, E. P., Moreira, L. V. C. & Franco, A. (2012). Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. *Psicologia & Sociedade*, 24(1),139-149.
- Ramos, A. C. (2015). Os avós na literatura infantil: Perspectivas gerontológicas e educacionais. *Educação&Realidade*, 40(1), 191-225.
- Shlomo, S. B., Bem-Ari, O.T., Findler, L., Sivan, E. &Dolizki, M. (2010). Becoming a Grandmother: Maternal Grandmothers' Mental Health, Perceived Costs, and Personal Growth.*Social WorkResearch*, 34(1),45-57.
- Silva, A. P. G. (2010). *Percepções de avós cuidadoras maternas sobre a criação e educação dos netos*. 2010. 113p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.
- Silva, T. S. R., Magalhães, C. M. C. & Cavalcante, L. I. C. (2014). Interações entre avós e neto em instituição de acolhimento infantil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(1), 49-60.

- Simioni, A. S. & Geib, L. T. C. (2008). Percepção materna quanto ao apoio social recebido no cuidado às crianças prematuras no domicílio. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 61(5), 545-551.
- Stelle, C., Fruhauf, C. A., Orel, N. & Landry-Meyer, L. (2010). Grandparenting in the 21st Century: Issues of Diversity in grandparent-grandchild relationships. *Journal of Gerontological Social Work*, 53(8), 682-701. doi:10.1080/01634372.2010.516804.
- Susin, L. R. O., Giugliani, E. R. J. & Kummer, S. C. (2005). Influência das avós na prática do aleitamento materno. *Revista de Saúde Pública*, 39(2), 141-147.
- Tamborindéguy, M., Giugliani, E., Oliveira, L., Weigert, E., Santo, L., Köhler, C. & Bonilha, A. (2008). Uso de mamadeira no primeiro mês de vida: determinantes e influência na técnica da amamentação. *Revista de Saúde Pública*, 42(4):607-14.
- Teixeira, M. A. & Nitschke, K. G. (2008). Modelo de cuidar em Enfermagem junto às mulheres-avós e sua família no cotidiano do processo de amamentação. *Texto Contexto Enfermagem*, Jan.-Mar, 17(1), 183-191.
- Teixeira, M. A., Nitschke, R. G. & Silva, L. W. S. (2011). A prática da amamentação no cotidiano familiar- um contexto intergeracional: influência das mulheres-avós. *Kairós. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde*, 14(3), 205-221.
- Triadó, C.; Villar, F.; Solé, C.; Osuna, M. J. & Celdrán, M. (2006). Percepciones cruzadas entre abuelos y nietos en una muestra de díadas: una aproximación cualitativa. *Revista Española de Geriatria y Gerontología*, 41(2), 99-110.
- Turmbull-Plaza, B., Escalante-Izeta, E., & Klunder-Klunder, M. (2006). The role of social networks in exclusive breastfeeding. *Revista Médica del Instituto Mexicano del Seguro Social*, 44(2):97-104.
- Vitale, M. A. F. (2008). Avós velhas e novas figuras da família contemporânea. Em: Acosta, A. R. & Vitale, A. F. (Eds). *Família, redes, laços e políticas públicas*. 4ª ed. PUC/SP: Cortez.

Zanin, L. C., & Schacker, L. C. (2010). Avós maternas: incentivadoras da amamentação? *Revista Conhecimento Online*, Novo Hamburgo, 1(2), 1-13.

Yamashiro, J. A. & Matsukura, T. S. (2014). Apoio intergeracional em famílias com crianças com deficiência. *Psicologia em Estudo*, 19(4), 705-715.

## ARTIGO 2

### “AVÓ É SEGUNDA MÃE DA CRIANÇA”: TORNAR-SE AVÓ NO CONTEXTO DA GRAVIDEZ ADOLESCENTE.

#### RESUMO

Este estudo qualitativo objetivou conhecer como ocorreu o processo de tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente. Participaram do estudo 12 mulheres na faixa etária dos 29 a 55 anos. As informações foram coletadas em Unidades Básicas de um município do Interior do Rio Grande do Sul através de entrevistas semiestruturadas e do jogo de sentenças incompletas. As análises das informações basearam-se no modelo teórico da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD). Os resultados evidenciam que o momento de tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente é permeado por sentimentos negativos: medo, raiva, tristeza e, positivo: felicidade. Algumas avós consideram que ser avó é ser a segunda mãe da criança. As participantes descrevem que não imaginavam tornar-se avó neste momento de suas vidas. Ressalta-se a necessidade de maior atenção aos familiares envolvidos no contexto da gravidez adolescente, bem como suas avós maternas e paternas.

Palavras-chave: Avós maternas. Tornar-se avó. Gravidez na adolescência. Teoria Fundamentada nos Dados.

### "GRANDMA IS THE CHILD'S SECOND MOTHER": BECOMING A GRANDMOTHER IN THE CONTEXT OF TEEN PREGNANCY

#### ABSTRACT

This qualitative study aimed to know how was the process of becoming a grandmother in the context of adolescent pregnancy. The study included 12 women in the age group of 29-55 years. Information was collected in Health Basic Units of a city in Rio Grande do Sul, through semi-structured interviews and incomplete sentences game. The analysis was based on the theoretical model of Grounded Theory (DFT). The results show that the becoming a grandmother in the context of teen pregnancy is permeated by negative (fear, anger, sadness) and positive feelings (happiness). Some grandmothers consider that being a grandmother is to be the second mother of the child. Participants report that they never imagined becoming a grandmother at this moment of their lives. It is highlighted the need for greater attention to the family members involved in the context of adolescent pregnancy, as well maternal and paternal grandparents.

**Keywords:** Grandmother. Becoming a grandmother. Adolescent Pregnancy. Grounded Theory.

#### Introdução

A ocorrência da gravidez na adolescência pode ser determinada por diversos fatores sociais, históricos, educacionais e dinâmicas familiares, que se expressam de formas

diferentes em cada meio familiar e social (Santos & Nogueira, 2009). Cada família tem um modo de vivenciar e reagir a esse evento (Valila et al, 2011). É comum que alguns familiares tenham sentimentos de tristeza, revolta, pena, constrangimento, abandono e/ou resignação. Em outros casos, esse evento pode estar associado à alegria e satisfação (Souza, Brito, Frota & Nunes, 2012). A notícia da gestação de uma filha adolescente, em geral, representa um choque para a família, por ser considerado algo inesperado para a adolescência (Silva & Tonete, 2006; Valila et al, 2011). Ao longo da gestação, após passar o período conturbado, em que prevalece os sentimentos de desgosto, frustração, impotência e culpa, as famílias passam a aceitar e conformar-se com a situação (Silva & Tonete, 2006).

A família pode ser fonte de apoio ou de estresse para a adolescente gestante (Dias, Patias, Gabriel & Teixeira, 2012). Os pais das adolescentes, constituem-se importantes fontes de apoio na organização da vida das filhas em razão da ocorrência da gestação, bem como projeto futuros (trabalho, casamento e estudo). Neste contexto, as famílias, principalmente os pais e as mães das adolescentes, constituem-se importantes fontes de apoio nos cuidados iniciais do bebê, no apoio e organização da vida das filhas em razão da ocorrência da gestação, bem como projeto futuros (trabalho, casamento e estudo) (Dias, Patias, Gabriel & Teixeira, 2012). Em muitas famílias, as responsabilidades relacionadas ao cuidado e a criação das crianças são descritas e encontram-se determinadas por figuras femininas como, por exemplo, mães, tias, avós paternas e maternas e irmãs. Essas mulheres podem influenciar a gestante através de uma rede de significações compartilhadas e adquiridas por meio das suas experiências de vida, que podem contribuir ou não para o exercício da maternidade adolescente (Rabinovich, Moreira & Franco, 2012; Seron & Milan, 2011).

O processo de tornar-se avó é um momento que se inicia na gestação da filha e se estende ao longo do desenvolvimento da criança (Shlomo, Ben-Ari, Findler, Sivan & Dolizki, 2010; Taubman, Ben-Ari, Shlomo & Findler, 2012,). Um estudo realizado por Shlomo, Ben-Ari, Findler, Sivan e Dolizki (2010), com 102 mulheres israelenses com idade entre 42 e 62 anos cujas filhas eram primíparas, constatou que o tornar-se avó tem recebido pouca atenção nas pesquisas e pode representar em um importante processo de transição na vida de uma mulher.

No período de descoberta da ocorrência da gravidez adolescente, as avós dos bebês, muitas vezes, expressam reações desfavoráveis a esse evento (Levandowski, Piccinini & Lopes, 2008; Silva & Salomão, 2003), apresentando sentimentos de desgosto, tristeza, medo e rejeição associados a preconceitos sociais (Levandowski, Piccinini & Lopes, 2008) e realizando críticas a gestante (Fernandes, Santos Júnior & Gualda, 2012). No entanto, após

um período inicial de desgosto, choque, culpa e frustração, a família e, principalmente as mães das adolescentes, passam a ser a principal fonte de suporte das jovens durante este período (Valila *et al*, 2011).

Durante o processo de evolução da gestação, para algumas avós dos bebês, há predominância de atitudes de carinho, cuidado e apoio às filhas, sendo que as mesmas procuram construir bons vínculos com as filhas por meio da sua presença e cuidado (Dupratkushtanina, 2011). Um estudo realizado por Piccinini, Rapport, Levandowski e Voigt (2002), que tinha como objetivo investigar o apoio social de 13 mães adolescentes e 13 mães adultas, da gestação ao terceiro mês de vida do bebê, no estado do Rio Grande do Sul, revelou a importância de uma rede de apoio afetiva e familiar para essas mulheres. A comparação entre os dois grupos demonstrou que tanto as mães adolescentes quanto as adultas solicitavam a ajuda de suas famílias durante o processo de gestação e maternidade, mas principalmente suas mães, no auxílio nas atividades relacionadas com o cuidado do bebê.

Outra pesquisa realizada na cidade de Diutama, Colombia, com mães adolescentes com idade entre 13 e 19 anos, observou que as avós maternas são fontes provedoras de conhecimento, suporte emocional e afetivo (Bossa & Aponte, 2010). As mães das adolescentes, ao apoiarem as filhas, podem contribuir para o amadurecimento da adolescente e no desenvolvimento do bebê (Fernandes, Santos Júnior & Gualda, 2012). Neste contexto, as avós dos bebês podem compartilhar os cuidados com netos junto as filhas nos primeiros meses, período em que a adolescente está aprendendo e desenvolvendo capacidades e competências para o exercício da maternidade (Oberlander, Black & Starr, 2007).

De acordo com Silva e Salomão (2003), a interação entre avó materna da criança e a mãe adolescente, podem ser caracterizada através de três situações típicas: 1) a avó poderá assumir as responsabilidades pelo cuidado da criança integralmente; 2) o papel materno da adolescente poderá ser inibido, em razão das concepções negativas da avó materna da criança em relação à gestação da adolescente. Os sentimentos de choque e vergonha despertados pela ocorrência da gestação poderão contribuir para a desconfiança da maturidade da filha para o desempenho do papel materno; 3) a adolescente poderá assumir as responsabilidades pelos cuidados com a criança, e a avó cabe apenas acompanhar e apoiar sua filha no cumprimento das suas funções em relação ao bebê (Silva & Salomão, 2003).

A fim de compreender aspectos relacionados a esse momento vivido pelas mães das adolescentes, como por exemplo, mudança na relação mãe e filha e sentimentos e percepções das mães, o presente estudo teve como objetivo conhecer como ocorreu o processo de tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente. Este estudo pretende conhecer o processo de

tornar-se avó através dos seguintes questionamentos: Como as mães receberam a notícia da gravidez da filha adolescente?; Há mudanças na relação entre a mãe e a filha após a notícia da gestação?; Quais os sentimentos e pensamentos despertados nessas mulheres neste momento período?; Imaginavam que iriam ser avós neste momento de vida?; Quais as suas percepções do que é “ser avó”? Essas questões permitiram conhecer o processo de tornar-se avós maternas no contexto da gravidez adolescente.

## **Método**

O presente estudo se baseia na perspectiva epistemológica do construcionismo social. Essa concepção caracteriza-se por defender suposições de que os indivíduos desenvolvem significados subjetivos às suas experiências e, com isso, procuram entender o mundo em que vivem (Creswell, 2010). Nessa perspectiva, as questões, na maioria das vezes, são amplas e gerais, o que permite aos participantes, elaborar o significado de uma dada situação baseada em discussões e interações com outras pessoas. Caracteriza-se também por ser um estudo de cunho qualitativo cujo objetivo é pesquisar sobre a vida das pessoas, experiências vividas, emoções, sentimentos e comportamentos (Strauss, 2008).

### **Participantes**

Participaram do estudo 12 avós maternas com idades entre 29 e 55 anos (idade média = 38 anos), com filhas adolescentes gestantes com idades entre 13 e 19 anos (idade média = 17 anos) que fizeram parte da pesquisa “Tornar-avó no contexto da gravidez adolescente” (Deus & Dias, 2014). Este estudo buscou conhecer como ocorre o processo de tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente. Os critérios de inclusão na pesquisa foram: 1) ter uma filha adolescente gestante com idade entre 10 e 19 anos, conforme a Organização Mundial de Saúde (Brasil, 2006) que frequenta um programa de pré-natal em uma das Unidades Básicas de um município do interior do Rio Grande do Sul e 2) ser avó pela primeira vez, pois pretende-se conhecer os sentimentos, expectativas e percepções sobre o processo de tornar-se avó. Os critérios de exclusão na pesquisa foram: 1) possuir alguma dificuldade cognitiva para compreender as questões da entrevista e 2) a filha adolescente gestante apresentar algum transtorno mental

Cabe salientar que a realização do estudo com 12 participantes é justificada por meio da pesquisa de Guest, Bunce e Johnson (2006) em que se constatou que na utilização do

método da *Grounded Theory* as primeiras 12 entrevistas fornecem uma amplitude de temas que possibilitam a categorização, mas isso poderá ser insuficiente quando o grupo de participantes for heterogêneo, existir pouca qualidade nos dados coletados e entrevistas difusas ou vagas. Considera-se que na realização desse estudo tentou-se cumprir o rigor metodológico de modo a atingir a saturação teórica dos dados. Isso ocorre quando a coleta de novos dados não possibilita o despertar de novos *insights* teóricos, bem como diferentes propriedades para as categorias teóricas (Charmaz, 2009).

A fim de resguardar a identidade e garantir o sigilo das informações as participantes foram denominadas com nome de flores. O estado civil das participantes era: 5 casadas, 5 solteiras, 1 em união estável e 1 divorciada. Dentre elas, 7 se autodeclararam brancas, 4 pardas e 1 negra; 8 afirmaram ter ensino médio completo, 3 possuíam ensino fundamental incompleto, 1 tinha o ensino fundamental completo e 1 possuía o ensino superior completo. No que se refere a situação laboral informada: 3 disseram que eram do lar, 3 eram atendentes (2 de loja e 1 de locadora), 3 auxiliares de limpeza, 1 garçoneiro, 1 vendedora e 1 artesã. A renda mensal declarada pelas participantes variou de R\$ 800,00 a R\$ 3000,00 (média de R\$1717,00).

Tabela 1- Dados socioeconômicos das participantes

Nome	Idade	Estado civil	Autodeclaração	Trabalha	Ocupação	Moradia	Renda Mensal	Escolaridade	Idade (filha)*	Idade (mãe)**
Camélia	29	União estável	Negra	Não	Não	Própria	R\$2000,00	Ens.Fund. Completo	16	13
Azaléia	36	Solteira	Parda	Sim	Auxiliar de cadeirante	Cedida	R\$1200,00	Ens. Médio Completo	18	15
Dália	42	Casada	Branca	Sim	Vendedora	Cedida	R\$1500,00	Ens. Médio Completo	16	23
Gardênia	35	Casada	Branca	Sim	Auxiliar de limpeza	Própria	R\$1200,00	Ens. Médio Completo	16	17
Tulipa	46	Divorciada	Branca	Sim	Atendente	Própria	R\$1200,00	Ens. Médio Completo	19	26
Íris	40	Casada	Branca	Sim	Auxiliar de limpeza	Própria	R\$2000,00	Ens. Fund. Incompleto	18	19
Magnólia	55	Casada	Parda	Não	Não	Própria	R\$ 800,00	Ens. Fund. Incompleto	19	37
Gerbera	38	Solteira	Parda	Sim	Atendente	Própria	R\$1500,00	Ens.Superior Completo	17	17
Angélica	35	Solteira	Branca	Sim	Faxineira	Alugada	R\$800,00	Ens. Médio Completo	17	16
Jasmim	40	Solteira	Branca	Sim	Artesã	Própria	R\$3000,00	Ens. Médio	19	19

								Completo		
Bromélia	36	Casada	Branca	Não	Não	Própria	R\$2900,00	Ens. Médio Completo	15	20
Amarílis	29	Solteira	Branca	Sim	Atendente	Própria	R\$2500,00 <sup>*</sup>	Ens. Médio Completo	13	13

\*Idade da primeira gestação da filha. \*\* Idade da primeira gestação da mãe.

As adolescentes gestantes tinham idades entre 13 e 19 anos (idade média = 17 anos). O tempo de gestação entre as adolescentes variou de 4 meses a 7 meses (tempo médio = 5 meses). Todas as adolescentes ainda mantinham relacionamento afetivo com o pai dos bebês. Sobre coabitação das adolescentes: 5 moravam com os namorados, 1 com os avós maternos e dois irmãos, 1 com os pais, 1 junto com a mãe, 1 com pais e o namorado, 1 com pais, irmãos e namorado, 1 com a mãe, irmã e avós maternos e 1 com os sogros.

### Instrumentos

A coleta das informações foi realizada por meio da aplicação dos seguintes instrumentos: 1) ficha de dados socioeconômicos; 2) entrevista sobre a relação mãe-filha e percepções sobre a gravidez da filha; 3) entrevista sobre o processo de tornar-se avó e 4) Jogo de sentenças incompletas. O primeiro instrumento foi composto de questões relativas aos dados pessoais das figuras parentais da adolescente, moradia, escolaridade e dados da primeira gestação da mãe da adolescente. O segundo instrumento abordou perguntas sobre a percepção das mães em relação à gravidez das filhas adolescentes, aspectos relativos ao relacionamento entre elas, reações face a notícia da gravidez e como ocorreu, quais as dificuldades e o que mobilizou nas mães esse momento, bem como, sentimentos e expectativas em relação ao desenvolvimento da gravidez e nascimento do bebê. O terceiro instrumento abordou perguntas sobre o significado de ser avó e expectativas sobre o cuidado com o (a) neto (a). O quarto instrumento teve como objetivo apreender os significados atribuídos a aspectos da vida da participante, com a finalidade de possibilitar uma associação significativa para si sobre o tema proposto. Pretendeu-se conhecer como a participante representa o seu modo de ver e estar no mundo, por meio de um modelo de sentenças curtas relacionadas à questão central do estudo (Mazzini, Biasoli-Alves, Silva & Sagim, 2008). As participantes foram instruídas a completar as sentenças com o primeiro pensamento ou palavra que lhe viesse após a leitura das frases. As sentenças foram formuladas pelas pesquisadoras e versaram sobre gravidez na adolescência, sentimentos e reações frente à notícia da gravidez, o processo de tornar-se avó e suas expectativas.

Todas as informações foram gravadas, após autorização das participantes, de modo a preservar o sigilo e confidencialidade das informações prestadas. Além disso, ao gravar as informações é possível transcrevê-las na íntegra. Optou-se pela substituição das falas coloquiais para a linguagem culta, de modo que se respeitasse a veracidade do conteúdo das narrativas.

## Procedimentos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética de uma Instituição de Ensino Superior (parecer nº 981.698) e autorizado pela Secretaria de Município da Saúde, de um município da região central do Rio Grande do Sul. A coleta das informações foi realizada nas Unidades Básicas de Saúde do referido município. Inicialmente, foi realizada a triagem das informações nos prontuários e na ficha de cadastramento da gestante que estão contidas no programa SispreNATAL. Este é um Sistema de Acompanhamento do Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento, que objetiva estimular e ampliar o desenvolvimento de ações de promoção, prevenção e assistência à saúde de Gestantes e Recém-Nascidos (DATASUS, 2012).

A pesquisa nos prontuários e ficha de cadastramento da gestante nas UBS's possibilitou colher algumas informações sobre as adolescentes, tais como: período gestacional, idade, contato telefônico e endereço. Isso permitiu as pesquisadoras identificarem as adolescentes gestantes e, por meio delas, buscar informações sobre as suas mães. Posteriormente, foi realizado o contato telefônico com as mesmas. Através desse procedimento foram contatadas 80 adolescentes, sendo entrevistadas 6 avós dos bebês. Dez adolescentes contadas já eram mães. Uma das adolescentes contadas havia perdido o bebê. Vinte e cinco adolescentes não atenderam ao telefone. Três pessoas contadas pelo telefone não eram das adolescentes. Sobre as avós contadas, quatorze já possuíam netos. Uma avó não aceitou participar da pesquisa. Outra avó foi contada, a entrevista foi marcada, mas desistiu, pois estava doente. Uma avó não compareceu a entrevista. Duas avós moravam em outros municípios do Rio Grande do Sul.

Em razão das dificuldades de acesso das avós (informações incompletas nos prontuários, números de telefone inexistentes e errados) foi escolhida outra forma de coleta das informações. Desta forma, optou-se por abordar as adolescentes na sala de espera das consultas de pré-natal. Neste momento, foi possível ter acesso as adolescentes gestantes e suas mães. As avós da criança (mães das adolescentes gestantes) eram convidadas para uma

conversa e então, informadas sobre o tema da pesquisa, quando era realizado o convite de participação no estudo. Inicialmente, era apresentada a pesquisa, seus objetivos e apresentação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Após as avós aceitarem participar do estudo, poderia ser marcada a entrevista para ser realizada em suas residências ou então, para aquelas que tivessem tempo era iniciada aplicação dos instrumentos. Três avós foram realizadas nas Unidades Básicas de Saúde e 3 em suas residências. Destaca-se que foram observados os critérios e as orientações oferecidas pelas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa com Seres Humanos (Resolução nº. 466/2012) do Conselho Nacional de Saúde, como também, a Resolução nº. 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia, durante a condução desse estudo.

#### Análise das informações

A organização e a análise das informações utilizou o modelo teórico da *Grounded Theory* ou Teoria Fundamentada nos Dados (TFD). Esse modelo teve origem na década de 60, em contexto de estudos sociológicos, por meio dos trabalhos realizados por Barney Glaser e Anselm Strauss. Esses autores consideravam as teorias existentes na época, muito abstratas e difíceis de serem testadas empiricamente, então propuseram este método de pesquisa para investigar e explicar a realidade social através da construção de teorias indutivas, baseadas na análise sistemática dos dados (Gil, 2010).

É um método geral de análise comparativa que se utiliza de um conjunto de procedimentos capazes de gerar (sistematicamente) uma teoria fundada nos dados. Possibilita a conjugação da pesquisa empírica com reflexão teórica, oportunizando a construção teórica, visto que poucas metodologias de exploração empírica possuem esse objetivo (Charmaz, 2009; Tarozzi, 2011).

A análise se baseia na apresentação e reflexão sistemática do fenômeno em sucessivos capítulos, de modo a elencar as características, a origem, o contexto social e histórico das etapas da pesquisa por meio da codificação, análise, redação e a avaliação constante de todos os elementos que envolvem a investigação (Tarozzi, 2011). A utilização da TFD favorece a possibilidade de construir categorias analíticas que respeitam as características do fenômeno.

O processo de análise das informações foi realizado por meio de um trabalho em equipe que contou com cinco pesquisadoras, sendo 4 psicólogas e 1 estudante de Terapia Ocupacional. As pesquisadoras realizaram grupos de estudo sobre modelo teórico da Teoria Fundamentada nos Dados e instrumento utilizados na pesquisa, a fim de obter uma

capacitação e entendimento do método. Assim, após a realização e transcrição das entrevistas cada pesquisadora realizava individualmente o processo de codificação e análise e posteriormente, reuniam para discutir, codificar e analisar as informações coletivamente. Dessa forma, foi possível comparar diferentes perspectivas e observações do processo de tornar-se avó e questões relacionadas a esse evento. Optou-se pelo trabalho em equipe por possibilitar o enriquecimento do processo de codificação e análise de modo a permitir o conhecimento de diferentes percepções sobre as informações coletadas (Tarozzi, 2011).

O processo busca codificar os dados por meio da categorização, ou seja, classificação, resumo e representação de cada parte das informações fornecidas pelo participante (Charmaz, 2009). Esse processo compreende quatro fases: a primeira – codificação inicial (Colher o significado geral do texto por meio da denominação de cada palavra, linha ou segmento de informação); a segunda, Focalizada – (focaliza e seleciona os códigos iniciais mais significativos ou frequentes para classificar, sintetizar, integrar e organizar as informações), a terceira, Axial (relaciona as categorias e subcategorias, reagrupa e especifica os dados e a quarta, teórica (é a parte mais sofisticada em que é possível integrar os códigos teóricos que especificam as relações entre as categorias desenvolvidas na codificação focalizada (Charmaz, 2009).

Neste estudo foram abordadas quatro categorias que se relacionam ao processo tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente.

Categorias	Subcategorias
1. Relacionamento entre mãe e filha	
2. Notícia da gravidez da filha	2.1 Modo como ficou sabendo da notícia
	2.2 Sentimentos despertados na mãe
	2.3 O que pensou no momento da notícia
	2.4 Imaginavam ser avó neste momento de vida
3. Mudanças na relação mãe e filha após a notícia	
4. Percepções do que é “ser avó”	4.1 Ser avó
	4.2 Responsabilidades de uma avó

Figura 1- Categorias e subcategorias do processo de análise.

## Resultados

As categorias: relacionamento entre mãe e filha, notícia da gravidez da gravidez da filha, mudanças na relação mãe e filha após a notícia e percepções do que é “ser avó” foram elaboradas e escolhidas por que as quatro se relacionam e compõe o processo de tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente. Estas categorias foram elaboradas por meio da codificação do conteúdo das entrevistas, em que foi possível significar os segmentos dos dados, de modo a possibilitar o resumo e categorização. A leitura linha a linha possibilitou destacar os conteúdos principais das perguntas realizadas nas entrevistas. Posteriormente, esse fragmento foi analisado, sistematizado e organizado de modo a possibilitar a criação de subcategorias. Em seguida, a integração e especificação dos dados, que foram organizados nas categorias conforme a semelhanças e relevância das informações. A integração das categorias possibilitou o entendimento do tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente, visto que a relação mãe e filha, a gestação e as concepções sobre ser avó favorecem a concepção desse processo. As informações relatadas pelas participantes do estudo respondem as questões referentes ao processo de tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente, como por exemplo: Como as mães recebem a notícia da gravidez da filha adolescente?; Há mudanças na relação entre a mãe e a filha após a notícia da gestação?; Quais os sentimentos e pensamentos despertados nessas mulheres neste momento período?; Imaginavam que iriam ser avós neste momento de vida?; Quais as suas percepções do que é “ser avó”? Essas questões possibilitaram conhecer o processo de tornar-se avós maternas no contexto da gravidez adolescente.

### Relacionamento entre mãe e filha

Diferentes situações caracterizaram o relacionamento mãe-filha antes da gestação. Para algumas, o relacionamento era considerado: *normal*, mesmo quando brigam, se reconciliam após o desentendimento (Gardênia, 35 anos); ou eram percebidos como *mais ou menos* (Bromélia, 36 anos). Nessa situação, a adolescente saiu de casa aos 13 anos, sem o consentimento da mãe e do padrasto e foi morar com a sua tia. Posteriormente, foi morar com a sogra e agora estão morando juntos, ela e o namorado (Bromélia, 36 anos). Para outras, o relacionamento poderia ser *complicado*. Uma avó relata que a relação com a sua filha é bem complicado, por que ela fala uma coisa e a filha não aceita, e começa a discutir. Essa adolescente já teve vários problemas com a família, agrediu a mãe, tio e irmãos (Amarílis, 29

anos). Outra avó, afirma que o seu relacionamento tem momentos que são bons e outros que são ruins, relata que é difícil lidar com a filha (Dália, 42 anos).

O relacionamento também foi descrito como *ótimo*, a filha compartilha a sua vida e seus problemas com a mãe (Camélia, 29 anos). Outras consideram o relacionamento com as filhas como *bom*, salienta que são muito amigas e se ajudam nas dificuldades (Azaléia, 36 anos), possuem uma boa relação (Magnólia, 55 anos), liberdade para conversar sobre os diversos assuntos relativos suas vidas (Tulipa, 46 anos), e sempre foram companheiras, tiveram uma fase ruim, pois viviam separadas (Jasmim, 40 anos). Algumas avós como Angélica (55 anos) e Íris (35 anos) afirmaram ter um relacionamento tranquilo com as filhas.

### **Notícia da gravidez da filha**

Esta categoria é composta pelas percepções das avós sobre a notícia da gravidez da filha. Busca descrever o modo como às avós dos bebês descobriram este evento, os pensamentos e sentimentos vividos com esta descoberta e se imaginavam ser avó neste momento das suas vidas.

As participantes relataram que descobriram a gestação da filha através de diferentes formas: ligações telefônicas, teste de gravidez, publicação no *facebook* ou por intermédio de algum familiar como tias e/ou filhas (irmãs das adolescentes grávidas). A seguir encontram-se depoimentos que ilustram essas situações. A filha contou para a mãe: *ela me ligou e contou* (Camélia, 29 anos); *ela me contou faceira* (Azaléia, 36 anos); *ela me falou, mas quando eu fiquei sabendo que ela estava grávida com dois meses de gestação* (Gardênia, 35 anos); *ela me falou pelo telefone: mãe estou grávida* (Tulipa, 46 anos); *ela me contou* (Íris, 40 anos); *ela achou que estava com algo nos ruins, ai fez ultrassom e deu, ai me contou* (Jasmim, 40 anos); *ela me contou, segundo ela já estava com três meses* (Bromélia, 36 anos); *mãe eu acho que eu estou grávida, queria te fazer essa surpresa* (Magnólia, 55 anos). A mãe realizou o teste de gravidez junto com a filha: *desconfiei, cuidei a menstruação dela e comprei o teste, fiquei sabendo pelo teste* (Angélica, 35 anos). A avó ficou sabendo a gestação da filha através de uma publicação no *facebook*: *o namorado dela estava terminando o Trabalho de Conclusão de Curso dele colocou no facebook os agradecimentos e colocou: a nova realização de ser pai* (Gerbera, 38 anos). A descoberta da gestação também ocorreu por meio de outros familiares como, por exemplo: a tia da adolescente (irmã da avó): *ela contou para a minha irmã, fizeram o exame, ela pegou o exame e atirou em cima da mesa, ai eu vi*

(Dália, 42 anos) e a outra filha (irmã da gestante adolescente): *ela falou para a minha mãe e para a minha filha, fiquei sabendo pela outra filha* (Amarílis, 29 anos).

Em relação aos sentimentos despertados em algumas participantes com a descoberta da gestação da filha destacam-se: susto \_ *eu levei um susto* (Íris, 40 anos), *primeiro foi um baque* (Camélia, 29 anos); raiva \_ *raiva, raiva, na hora raiva, agora estou aceitando*. (Bromélia, 36 anos); rejeição\_ *primeiro rejeitei a ideia, fiquei chateada, fiquei brava com a irresponsabilidade dela* (Jasmim, 40 anos); medo\_ *senti medo dela passar trabalho, que ela sofra, que dê complicação* (Azaleia, 36 anos); tristeza \_ *senti vontade de chorar, não era aquilo que eu queria para ela, é difícil* (Gardênia, 35 anos); *me entristeceu* (Angélica, 35 anos); mágoa \_ *eu me senti meio estranha, fiquei magoada sabe, fiquei chateada, a última a saber* (Magnólia, 55 anos); felicidade \_ *queria apertar as duas, mas estava distante* (Gerbera, 38 anos), *fiquei bastante feliz, por que pode ser que ela se tornando mãe ela cresça* (Amarílis, 29 anos) e sentimentos ambivalentes (felicidade e pena)\_ *eu fiquei feliz e ao mesmo tempo com pena dela, muito novinha”* (Dália, 42 anos); *eu senti uma alegria e um pavor, por que sei o que é criar um filho quase sozinha* (Tulipa, 46 anos).

Quando questionadas sobre o que pensaram no momento em que receberam a notícia da gestação das filhas, as participantes afirmaram: ter pensamentos ruins em relação a situação, em pensar no futuro da filha, refletir sobre como irão criar a crianças, querer pegar a criança para criar, abortar o bebê, ser mãe pela segunda vez, a gravidez como possibilidade da filha criar juízo e pensar na capacidade da filha em ser mãe nesta etapa da vida. Os relatos a seguir descrevem esses pensamentos: *me passou só coisa ruim na cabeça, eu passei muito trabalho por que eu casei por que engravidei dela* (Camélia, 29 anos). A mãe comparou a sua história e toda a rejeição que ela vivenciou na sua família ao ficar grávida na adolescência, com a situação da sua filha. Outras avós fizeram alguns questionamentos: *E agora?* (Íris, 40 anos); *vai saber criar?* (Magnólia, 55 anos); *como é que vamos criar essa criança, é muita coisa* (Tulipa, 46 anos); *E o teu futuro?* (Azaléia, 36 anos). Algumas mães avaliaram a conduta das filhas em relação a ocorrência da gestação: *por que ela não se cuidou, por que ela não pensou* (Gardênia, 35 anos); *que ela fez de propósito* (Jasmim, 40 anos); *agora tá na hora de ter juízo, vem uma criança, é uma responsabilidade* (Angélica, 35 anos). Uma das avós disse ter sugerido a realização do aborto a filha: *pensei até em abortar, vamos dar um jeito!*. A filha rejeitou a ideia da mãe (Bromélia, 36 anos). Outra, pensou na possibilidade de assumir o bebê: *pensei em pegar a criança e criar* (Amarílis, 29 anos). Uma avó expressou um pensamento positivo: *eu estou sendo mãe de novo, eu não vejo a hora de nascer pra proteger e estar junto* (Gerbera, 38 anos).

As participantes ao serem questionadas se imaginavam que seriam avós neste momento atual da vida foram unânimes em afirmar que “não”. Algumas em função da idade como, por exemplo, *eu imaginava assim, com 43 anos, não com 29* (Camélia, 29 anos); *eu imaginava com uns 50 anos* (Dália, 42 anos); *eu dizia não quero ser avó cedo, não me vejo como avó* (Amarílis, 29 anos). Gerbera (38 anos) destacou que *me enxerguei até de bengala será que estou tão velhinha, não é a idade, agora me acostumei*. Gardênia (35 anos) afirmou que *não estava preparada*. Magnólia relatou que *agora vou ter que aguentar*. As outras avós afirmaram que não se imaginava como avó neste momento de sua vida, o que se confirma nos seus relatos: *não, por que ela disse que não queria ter filho tão cedo* (Azaleia, 36 anos); *nunca, nunca imaginei* (Íris, 40 anos); *não, até às vezes nem me dou conta* (Angélica, 35 anos); *não, não estou preparada* (Gardênia, 35 anos).

Dentre as participantes, inclui-se oito mulheres que foram mães durante a adolescência (Camélia, Azaleia, Gardênia, Íris, Gérbera, Angélica, Jasmim, Amarílis). As avós Camélia (29 anos) e Azaleia (36 anos) relacionaram a gravidez das filhas a sua história de vida. Camélia (29 anos) relatou ter se assustado e ter pensamentos ruins em relação a gravidez da filha, pois *passou um filme de desde de que eu tive ela, eu espero que ela seja boa mãe, que nem eu fui para ela*. Já Azaleia (36 anos) sentiu medo e se questionou sobre o futuro da filha, relatou que *eu tenho medo que ela sofra*, em função da gestação e criação do bebê. A idade precoce da avó está relacionada às suas reações (sentimento e pensamentos), pois não imaginava ser avó aos 29 anos. Já Azaléia (36 anos) afirmou nunca ter se imaginado como avó por que a filha não planejava ter filhos em uma idade precoce.

As avós Tulipa (46 anos) e Dália (42 anos) tiveram sentimentos ambivalentes (felicidade e pavor; felicidade e pena) em relação à gestação das suas filhas. Cabe destacar que as filhas de ambas as avós eram filhas únicas, dado que faz relacionar com a reação das avós ao descobrir a gestação e o fato delas não planejarem ser avó neste momento e vida. Tulipa (46 anos) relatou que a relação com a filha mudou, estão mais próximas, mas também, distantes pois não aceita o namorado da filha. Expressou preocupação em relação ao modo com que o bebê será criado. Dália (42 anos) disse que a filha está mais carinhosa, ficou sabendo da gestação através da sua irmã e pensou na idade precoce da filha para estar gestante.

Gerbera (38 anos) destacou que estava distante da sua filha, pois ela morava com o namorado, sentiu felicidade ao ver a publicação do genro no *Facebook* e pensar que estava sendo mãe novamente, assim como se questionou ser avó com a sua idade destacando que se enxergou de bengala. Outra avó, Angélica (35 anos) disse ter realizado o teste de gravidez

junto com a sua filha, e sentir tristeza com a confirmação da gestação, além disso, pensou que este seria o momento da filha criar juízo. Esta avó relatou não ter se dado conta de que será avó. Amarílis (29 anos) disse que a relação com a filha teve poucas mudanças, muito embora ela não demonstre carinho pela filha. Ao saber da gestação através da sua outra filha, relatou que espera que a filha amadureça, e pensou em criar o bebê. As avós evidenciaram que a notícia da gestação das filhas lhes suscita diferentes sentimentos e pensamentos. Pode-se inferir através dos dados que a relação entre mãe e filha, o fato da mãe não idealizar ser avó neste momento de vida dela tem influência nos sentimentos e pensamentos que essas mulheres possuem em relação a esse evento.

### **Mudanças na relação após a descoberta**

Algumas avós afirmaram que não houve mudança na sua relação com a filha: *está tudo normal* (Magnólia, 55 anos); *não é fácil, mas continua tudo igual* (Jasmim, 40 anos). Uma avó disse que a mudança na relação entre ela e filha foi *bem pouca, é que eu também não sou muito de demonstrar carinho* (Amarílis, 29 anos). Outras afirmaram que houve mudanças em função da não aceitação da gravidez em função da idade das filhas e por que foi algo inesperado: *houve, por que no início não aceitei, pela idade dela* (Bromélia, 36 anos); e *no início não aceitei, não esperava, não era isso que eu queria para ela agora, é difícil, mas aceitei* (Gardênia, 35 anos).

Algumas avós salientaram que as mudanças após a descoberta da gestação das filhas promoveu maior aproximação entre mãe e filha. Uma das avós afirma que não houve mudanças, *acho que não*, mas relata uma aproximação entre ela e a filha: *a gente estava distante, por que ela estava morando separado, então o bebê nos uniu* (Gerbera, 38 anos). Outras referiram que: *houve uma mudança para melhor, está mais próxima* (Camélia, 29 anos); *a filha ficou mais próxima, está mais carinhosa* (Azaléia, 36 anos); *está mais tranquila, estamos nos dando melhor* (Íris, 40 anos); *houve, no início ela não podia me ver, não queria conversar e nem olhava para mim, agora está mais calma* (Angélica, 35 anos); *está mais próxima e mais distante* (Tulipa, 46 anos), *“está mais amorosa”* (Dália, 42 anos). Algumas avós dos bebês justificam essa mudança na relação com suas filhas por meio das falas: *ela está mais, não é humana, não sei explicar, mas ela está mais carinhosa* (Azaléia, 36 anos); *estamos mais próximas por que no começo ela veio me cobrar, não queria que eu saísse de casa, não posso parar a minha vida por causa da gravidez dela, e mais distantes*

*por que não aceito o namorado dela, ele não ajuda em nada” (Tulipa, 46 anos); acho que é da gravidez mesmo (Angélica, 35 anos).*

### **Percepções do que é “ser avó”**

Esta categoria aborda as percepções das participantes sobre o que é ser avó. Além disso, pretende descrever as responsabilidades relatadas pelas avós durante o seu desempenho neste papel.

Algumas avós consideram a “avó” como uma segunda mãe do (a) neto (a). Essas mulheres destacam como justificativa: *por que eu tenho minha mãe que é a segunda mãe deles[filhos], eles respeitam mais ela (Camélia, 29 anos); a mãe tem o dobro de responsabilidade, tem que tomar conta da filha e da neta, duas vezes mãe (Azaléia, 36 anos); estou sentindo como se fosse meu filho (Dália, 42 anos); estou participando de tudo da gestação dela, das consultas, e depois quando ela ganhar vou estar presente, acho que é ser mãe de novo (Gardênia, 35 anos); está sendo maravilhoso, quando ela nascer vou pegá-la no colo (Tulipa, 46 anos); é como se fosse um filho (Íris, 40 anos); é uma responsabilidade, é estar presente sempre, nas horas que mais precisa (Angélica, 35 anos).*

Uma das avós tem dificuldade de se perceber no papel de avó: *é muito cedo, então eu disse para ela, eu vou ser madrinha dele (Amarílis, 29 anos). Essa avó justifica que não me vejo como avó, mas vou dar todo apoio e carinho, na verdade a gente ama bem mais do que os próprios filhos, o neto, vamos ver quando nascer, pode ser diferente. Parece uma palavra estranha, parece que não é para mim. Gerbera (38 anos) afirma que ser avó é poder estar longe. A avós avalia que estar longe significa: jamais interferir no jeito da filha criar a criança, mas eu estarei observando a criação dada pela filha. Outra avó, (Magnólia, 55anos) relatou que dá vontade de ser avó, por que criou a filha, a gente criou ela, agora vem o netinho.*

Ao serem questionadas sobre as responsabilidades de uma avó, as avós descrevem que devem ajudar e orientar a filha a educar o (a) neto (a). Consideram ainda que é importante oferecer afeto, carinho, além de paparicar os netos. As avós avaliam que tem como responsabilidade ajudar a filha nos cuidados com os netos, como ilustrado nas falas: *eu acho que é a mesma coisa que uma mãe, por que a princípio tudo ela perguntará para mim, vai ser bom, vou ajudá-la (Tulipa, 46 anos); estar atenta a tudo, orientar e ensinar a minha filha e ajudá-la ate quando cair o umbiguinho, essas coisas estarei por perto (Íris, 40 anos). Algumas avós avaliam como responsabilidade de uma avó dar carinho, afeto, proteção aos*

netos, além de auxiliar as filhas nas consultas médicas e alimentação dos netos: *dar carinho, amor, atenção, levar ao médico, vacinar, preocupar-se com a alimentação da criança* (Angélica, 35 anos); *cuidar, eu vou fazer tudo* (Jasmim, 40 anos); *proteger sempre para o que der e vier* (Gerbera, 38 anos). Além disso, paparicar o neto: *fazer as vontades do neto* (Magnólia, 55anos). Destaca-se o relato das avós, Azaléia (36 anos) e Bromélia (36 anos) que afirmam que não irão cuidar dos netos para que suas filhas possam ir a festas: *eu não vou cuidar para ir para balada, fazer festa, para estudar, trabalhar, vou ser uma avó prestativa* (Azaleia, 36 anos); *jamais vou ficar para ela ir para a balada, se colocou no mundo, vai ter que cuidar, agora se disser, mãe vou trabalhar, vou estudar, ai é diferente, sou rígida neste ponto.*

Algumas avós referem que é importante não interferir no papel desempenhado pela filha. As avós afirmam que *não posso passar por cima da minha filha, cada um cria a sua maneira* (Azaléia, 36 anos); *não quero tirar o papel da minha filha, vou auxiliá-la* (Amarílis, 29 anos). As avós relatam que *uns com liberdade demais, outros presos demais, ela vai ter que ensinar, e eu vou me adaptar ao jeito dela, dizem que avó estraga né, vou tentar não fazer isso* (Azaléia, 36 anos); *vou dar carinho, amor, o que precisar, o resto é tudo com a mãe* (Amarílis, 29 anos). Outras avós já assumem uma posição contrária, afirmando que irão interferir na educação ofertada pela filha ao neto, tal como *orientar em termos de educação, quero que ele estude, minha obrigação é educar* (Dália, 42 anos); *ajudar a educar* (Gardênia, 35 anos); *vou ajudar, dar carinho e intervir na educação* (Bromélia, 36 anos). Dália (42 anos) justifica o seu comprometimento com a educação do neto está relacionado ao fato dela sentir-se culpada de não ter condições de manter a filha estudando em uma escola particular: *eu nem falei para ela, mas eu quero pagar um colégio particular para ele, ela estudava em escola particular mas não pude continuar pagando, eu me culpo, sempre me culpei e lá é diferente a educação.* Gardênia (35 anos) salientou que considera importante ajudar a educar o neto para que ele possa seguir um bom caminho. Bromélia (36 anos) afirma que *vai tentar ensinar a filha a educar, eu penso que ela tem uma maneira e eu outra.*

## **Discussão**

A ocorrência da gravidez na adolescência traz inúmeras mudanças biopsicossociais adicionais na vida dos adolescentes, que podem influenciar os diversos aspectos que circundam a sua vida (Piccinini, Lopes, Gomes & De Nardi, 2008). Além disso, a adolescente deverá se adaptar a duas realidades: estar grávida e ser adolescente, e com isso, terá que lidar

com as alterações desses dois momentos significativos da sua vida (Brás & Pereira, 2011). A jovem, em razão dessas inúmeras mudanças, pode não sentir-se habilitada para o exercício dessa nova função, ser mãe (Conde-Agudelo, Belizán & Lammers, 2005). Essas transformações não somente irão ter reflexos na vida da adolescente, como também, poderão provocar mudanças na dinâmica familiar (Brás & Pereira, 2011). Das doze participantes da pesquisa, oito foram mães na adolescência. Alguns estudos como Campa e Eckenrode (2006) e Dias e Aquino (2006) afirmam que pode haver uma repetição ao longo das gerações da gravidez neste período de vida, principalmente se as mães das adolescentes vivenciaram essa situação. As mães que foram gestantes na adolescência podem ser mais compreensíveis à situação das filhas de modo a apoiá-las as filhas neste momento (Silva & Salomão, 2003).

O relacionamento mãe-filha é um aspecto importante tanto para a constituição da identidade feminina da filha como da mãe (Dornelas & Garcia, 2006). As participantes da pesquisa relataram que o relacionamento com as filhas era normal, mais ou menos, complicado, bom e ótimo antes da gestação das suas filhas. A relação entre mãe e filha é marcada por movimentos de separação e aproximação, descoberta de diferenças e similaridades ao longo do desenvolvimento humano (Dornelas & Garcia, 2006).

A comunicação da notícia da gravidez da filha pode ocorrer de diferentes formas e independente da estratégia utilizada pelas adolescentes, muitas vezes, pode ser permeada pelo temor da reação dos familiares (Hoga, Borges & Alvarez, 2009). As participantes relataram que as filhas comunicaram a notícia da gestação por meio da ligação telefônica, intermédio de familiares como avó materna e irmã, através da confirmação do teste de gravidez e um caso foi destacado, que uma avó ficou sabendo pela publicação do seu genro no *facebook*. A literatura não traz muitos estudos sobre a forma de comunicação utilizada pela adolescente para noticiar a gestação, mas o estudo de Hoga, Borges e Alvarez (2009) salienta que em alguns casos as mães são as primeiras a receberem a notícia, mas em outros, são temidas. Afirma também, outros familiares podem fazer a função de mediação de um possível conflito familiar.

A descoberta da gravidez pode suscitar nos familiares das adolescentes reações e sentimentos negativos frente à situação, mas, após certo período estes, podem passar a aceitar, apoiar e preocupar-se com os aspectos relacionados à saúde tanto do bebê como da adolescente durante a gestação (Silva & Tonete, 2011). Ao descobrir a gestação das filhas, as avós participantes relataram terem sentimentos negativos como: raiva, mágoa, susto, medo, tristeza. O sentimento positivo destacado foi felicidade, sendo relatado por poucas avós. Uma avó relatou ter sentimentos ambivalentes de pena e felicidade. No período de descoberta da

ocorrência da gravidez adolescente, as avós dos bebês, muitas vezes, expressam o surgimento de reações desfavoráveis em relação a esse evento (Levandowski, Piccinini & Lopes, 2008; Silva & Salomão, 2003), como sentimentos de medo, desgosto, tristeza e rejeição, os quais podem estar relacionados a fatores e preconceitos sociais (Levandowski, Piccinini, & Lopes, 2008), e muitas vezes, difícil aceitação desse evento (Fernandes, Santos Júnior, & Gualda, 2012), tal como foi referido pelas participantes do estudo. No entanto, após um período de choque, desgosto, culpa e frustração pela ocorrência da gravidez, a família e, principalmente as mães das adolescentes, passam a ser o principal suporte das jovens neste período (Valila *et al*, 2011). Muitas vezes, as reações negativas das mães das adolescentes podem estar relacionadas ao fato de que mudanças ocorridas neste período não afetam somente as adolescentes, que podem modificar os seus planos de vida pela necessidade de assumir um novo papel, mas também, mobilizam toda a família, pois seus pais geralmente ficam surpresos e assustados com a descoberta da gravidez, questionam-se, e por vezes sentem-se culpados (Alves, Albino & Zampieri, 2011).

A família é um grupo de referência, na qual se baseia a vida da adolescente, as mães das adolescentes, podem representar um importante suporte, visto que são figuras de identificação para essas meninas. O relacionamento entre a mãe e a filha é permeado de significados (Seron & Milan, 2011). No contexto da gravidez adolescente, a relação entre a mãe e sua filha adolescente é fundamental, visto que a figura materna pode ser uma fonte fundamental de apoio, e a colaboração entre ambas pode contribuir para o amadurecimento da adolescente e no desenvolvimento do bebê (Fernandes, Santos Júnior, & Gualda, 2012). De fato, a mãe pode ser importante fonte de apoio à filha, pois, essa pode ter medo de cuidar do bebê (Brás & Pereira, 2011). A responsabilidade de criar as crianças é influenciada pelas figuras femininas além das mães, como avós maternas e paternas, tias e irmãs (Rabinovich, Moreira & Franco, 2012). A adolescente, no meio familiar, poderá contar com uma rede de significação por meio da relação e ajuda com sua mãe, avó materna, avó paterna, irmãs e tias (Seron & Milan, 2011).

As participantes afirmaram que ao receberem a notícia da gestação pensaram na capacidade da filha em criar uma criança, pensar no futuro da filha, refletir sobre como irão criar a crianças, querer pegar a criança para criar, abortar o bebê, rejeição da situação, ser mãe pela segunda vez e a gravidez como possibilidade da filha criar juízo. Na interação entre avó materna da criança e a mãe adolescente, podem ocorrer três situações típicas: 1) a avó poderá assumir todas as responsabilidades pelo cuidado infantil; 2) o desenvolvimento do papel de mãe da adolescente poderá ficar inibido, em razão das percepções negativas da avó materna

da criança em relação à gestação da adolescente. A vergonha pela ocorrência da gravidez poderá contribuir para o surgimento de desconfiança da maturidade da filha para o desempenho do papel materno; 3) a adolescente poderá assumir todas as responsabilidades pelos cuidados com a criança, e a avó cabe apenas apoiar sua filha no cumprimento das suas funções em relação ao bebê (Silva & Salomão, 2003). Uma das avós participantes propôs aborto da criança. O estudo de Domingos, Merighi, Jesus e Oliveira (2013) realizado com três mulheres, com o objetivo de compreenderem suas experiências no aborto provocado na adolescência por imposição de suas mães, constatou que essas mulheres tiveram medo de enfrentar a gestação e temor da não aceitação materna deste evento, o que favoreceu a imposição à prática do aborto, sugerido por suas mães, sem considerar o desejo da filha em relação a este evento. Isso favoreceu o surgimento de culpa, ressentimento e arrependimento em não ter ido contra a decisão das suas mães. Essa questão não foi vivenciada pela filha da participante, pois a adolescente não aceitou a sugestão da mãe e deu continuidade a gestação.

Um estudo realizado com mães adolescentes de idade entre 13 e 19 anos, da cidade de Diutama, na Colômbia, destacou que as avós maternas são tidas como importante fonte provedora de conhecimento, suporte emocional e afetivo. Esses aspectos são fundamentais para o exercício do papel materno. As mães adolescentes reproduzem os padrões culturais que se manifestam na intervenção dos demais cuidadores, especialmente os da mãe da adolescente, têm grande impacto nas práticas cotidianas (Bossa & Aponte, 2010).

Para algumas mulheres, ser avó é ter uma função similar à materna, pois muitas vezes não conseguem romper com a representação que possuem do que é ser avó das funções maternas (Mainetti & Wanderbroocke, 2013). Outras, afirmaram que função da avó é melhor que a materna, visto que já detém um conhecimento em razão da experiência e por isso, conseguem lidar melhor com os problemas familiares e dos netos (Cardoso & Brito, 2014). Algumas avós se consideram coeducadoras (Dias, Hora & Aguiar, 2010), outras, afirmam ser mães substitutas dos netos (Cardoso & Brito, 2014; Pinto, Arrais, & Brasil, 2014).

Das doze avós participantes, nove ao serem questionadas sobre o que significa ser avó relataram que é a “segunda mãe do (a) neto (a)” e algumas atribuem a este momento, grande responsabilidade, pois terão que cuidar do(a) neto (a) e da filha. O momento de torna-se avó envolve novas expectativas de vida (Frisman, Eriksson, Pernehed & Morelius, 2012). Além disso, representa um momento de transição em que é algo inerente a vida da mulher, visto que ela não tem controle, pois inicia com a gravidez da filha e continua após o nascimento do neto (Shlomo, Bem-Ari, Findler, Sivan & Dolizki, 2010; Taubman, Ben-Ari, Shlomo & Findler, 2012). Assim, com a gravidez da filha, que se torna mãe, sua mãe se torna avó,

mesmo que essas mulheres vivenciam tempos diferentes, o torna-se mãe ou avó podem ser considerados eventos positivos. Esses momentos podem possibilitar o despertar de diversas emoções, o que para algumas mulheres resulta em avaliações tensas dessas experiências, angústia e aumento dos gastos na família (Shlomo, Bem-Ari, Findler, Sivan & Dolizki, 2010; Taubman, Ben-Ari, Shlomo, & Findler, 2012). Embora a maioria dos avós se disponha a cuidar voluntariamente dos netos, isso não significa que o processo de tornar-se avó seja representado somente por vivências prazerosas (Vitale, 2008). Há uma concepção idealizada sobre os avós, no sentido de que a avosidade seja realizada por pessoas perfeitas e em condições ideais, o que distancia do seu exercício a possibilidade de existir ambivalências e sentimentos conflituosos na condição de tornar-se avó (Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Mas também, esse momento pode favorecer o despertar de sentimentos positivos e proporcionar crescimento pessoal (Shlomo, Bem-Ari, Findler, Sivan & Dolizki (2010).

As avós possuem participação ativa no ambiente familiar, e sua colaboração pode ser renovada no momento em que se tornam avós (Kipper & Lopes, 2006). As avós participantes afirmaram que atribuem como responsabilidades de uma avó: ajudar, cuidar, educar, respeitar a criação dada pelos filhos, orientar, fazer as vontades dos netos, dar carinho, abraços, amor, atenção, auxiliar no banho, alimentação e levar ao médico quando necessário. Em muitas famílias, as avós são as responsáveis pela educação, saúde, vida escolar e cuidados diários dos netos (Mainetti & Wanderbroocke, 2013). Além disso, são fonte de apoio, carinho e afeto para os netos (Dias, Hora & Aguiar, 2010). O envolvimento das avós na vida dos netos, algumas vezes está subordinado ao consentimento dos pais, mesmo que muitas vezes, essas mulheres estejam envolvidas nas decisões diárias da família (Shlomo, Bem-Ari, Findler, Sivan, & Dolizki, 2010). A oportunidade de ser avó faz com que se tenha a possibilidade de reparar momentos perdidos na criação dos seus filhos (Kipper & Lopes, 2006), como o salientado por Dália, que relatou sentir culpa por não ter possibilitado a continuidade da educação da sua filha em uma escola particular, o que a faz querer compensar essa questão na educação do seu neto. Tornar-se avó pode possibilitar a mulher, uma segunda chance de reparar oportunidades perdidas, de modo a permitir a concretização dos sonhos, desejos e ideais que as avós não puderam concretizar (Kipper & Lopes, 2006).

Algumas avós podem considerar-se aptas a cuidar dos seus netos, em razão da sua experiência no cuidado com crianças, e isso pode favorecer a confusão de papéis para a criança, pois às vezes podem considerar sua própria mãe como uma irmã (Folle & Geib, 2004). Os papéis de mãe e de avó podem, algumas vezes, parecerem difusos, pois às vezes as

avós se apropriam das responsabilidades maternas, quando os filhos, por algum motivo, não podem assumir seus próprios filhos (Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010).

Muito embora, quando interrogadas em relação a ser avó neste momento atual de vida, as mulheres foram unânimes em afirmar que não estavam preparadas. Destaca-se a idade precoce das avós, na faixa etária dos 29 aos 55 anos, com média de idade de 38,41 anos. Na atualidade, a idade em que os indivíduos se tornam avós é diferente daquela que era considerada padrão nos tempos passados, visto que tanto é possível observar avós com idades consideradas precoces como 35 anos até indivíduos que se tornam avós mais tardiamente, a partir dos 70 anos (Cardoso, 2011). O estudo realizado por Kipper e Lopes (2006) com onze avós maternas com idades entre 49 e 66 anos, sendo a criança o seu primeiro neto constatou que nove das avós pesquisadas tinham expectativas de ser avó, pois já se consideravam na idade para exercer essa função. Dado que vai de encontro ao relato das avós desse estudo, visto que algumas desconsideravam essa possibilidade de ser avó em função da sua idade. Algumas avós destacaram não quererem ser avós novas, em função do imaginário social em relação à figura das avós, tal como retrata uma das participantes “*me enxerguei até de bengala será que estou tão velhinha*”. Isso retrata a figura clássica da vovozinha na cadeira de balanço, cabelos brancos fazendo tricô ou crochê, presente na literatura infantil, representação que pouco corresponde ao atual perfil das avós, em função das mudanças na família contemporânea em todos os segmentos sociais (Vitale, 2011).

### **Considerações finais**

Este estudo qualitativo objetivou conhecer como ocorreu o momento do tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente. Participaram do estudo 12 mulheres na faixa etária dos 29 a 55 anos. As informações foram coletadas por meio de entrevistas semi-estruturadas e do jogo de sentenças incompletas, realizadas nas Unidades Básicas de um município do Interior do Rio Grande do Sul. As análises das informações tiveram como base o modelo teórico da *Grounded Theory* ou Teoria Fundamentada nos Dados (TFD).

Os resultados evidenciam que o momento de tornar-se avó se inicia com a gestação da adolescente e continua após o nascimento do neto. Inicialmente, ao saber da notícia da gravidez, as avós tiveram sentimentos de medo, mágoa, tristeza, susto, raiva, felicidade, além de sentimentos ambivalentes como pena e felicidade. Destaca-se as formas de comunicação utilizadas pelas adolescentes para a revelação da gestação: ligações telefônicas para as mães e por meio do teste de gravidez realizado junto com a mãe. Outros meios de comunicação foi o

intermédio dos familiares como avós maternas e irmãs das adolescentes e uma avó descobriu por meio de uma publicação no *facebook* do seu genro. Ao serem questionadas sobre o que pensaram no momento da notícia da gravidez das filhas, as participantes afirmaram: ter pensamentos ruins em relação à situação, pensar no futuro da filha, sentimento de pena em função da idade da filha, refletir sobre como irão criar a criança, querer pegar a criança para criar, abortar o bebê, rejeição da situação, ser mãe pela segunda vez, a gravidez como possibilidade da filha criar juízo e pensar na capacidade da filha em ser mãe nesta etapa da vida.

Embora as mulheres fossem unânimes em afirmar que não imaginavam ser avó neste momento de vida. Nove avós destacaram que ser avó é ser a segunda mãe da criança. As avós destacam como responsabilidades de uma avó: cuidar dos bebês por meio do afeto, carinho, alimentação, educação e saúde, fazer as vontades dos netos, auxiliar na criação da criança, de modo a ajudar as filhas nos cuidados e orientações relacionados ao neto (a).

Ressalta-se a necessidade maior atenção aos familiares envolvidos no contexto da gravidez adolescente, bem como suas avós maternas e paternas. Além disso, cabe atentar para a elaboração de políticas públicas que contemple esse público, pois são importantes fontes de apoio social, afetivo e material para as adolescentes gestantes. Destaca-se a necessidade de um olhar diferenciado para as mães das adolescentes no contexto da gravidez, no sentido de dar voz a estas mulheres como forma de ter um melhor entendimento do contexto social e familiar das adolescentes, obter mais informações sobre este momento da gestação e também dar atenção às implicações sociais e emocionais que este momento pode favorecer.

Este estudo pretende chamar atenção para a necessidade de realização de mais pesquisas que contemplem a dinâmica familiar, bem como outros membros da família, como os avós, por exemplo, o estudo do tornar-se avô neste contexto, bem como atentar a outros aspectos como a saúde das avós, impacto da notícia da gravidez no relacionamento avó-neto, e ser avó no contexto da maternidade adolescente. Salienta-se também, a necessidade de atenção às mães das gestantes, bem como, a dinâmica familiar, como forma de ampliar a compreensão deste momento.

## **REFERÊNCIAS**

Alves, A., Albino, A. T. & Zampieri, M. F. M. (2011). Um olhar das adolescentes sobre as mudanças na gravidez: promovendo a saúde mental na atenção básica. *Revista Mineira de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais*, 15(4), 545-555.

Bossa, A. R. G. & Aponte, M. R. E. (2010). Práticas de criação de mãres adolescentes de la ciudad de Diutama, Colombia, *Investigación y Educación en Enfermería*, 28(3).

Brasil. Ministério da Saúde.(2006). Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Modelo teórico e referencial Saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens*. Ministério da Saúde.

Brasil (2012). *Resolução n.º 466/12*, de 12 de dezembro de 2012. Conselho Nacional de Saúde.

Brás, C. & Pereira, A.(2011). Promoção da saúde de grávidas adolescentes: estudo prévio de identificação de necessidades. *Millenium*, 40, 69-81.

Campa, M. & Eckenrode, J. (2006). Pathways to intergenerational adolescent childbearing in a high risk sample. *Journal of Marriage and the Family*, 68, 558-572.

Cardoso, A. R. (2011). *Avós no século XXI*. Mutações e rearranjos na família contemporânea. Curitiba: Juruá. 254p.

Cardoso, A. R. & Brito, L. M. T. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse?. *Psico USF*, 19(3), 433-441.

Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Conde-Agudelo, A., Belizán, J. M., & Lammers, C. (2005). Maternal-perinatal morbidity and mortality associated with adolescent pregnancy in Latin America: cross-sectional study. *American Journal of Obstetric & Gynecology*, 192(2), 342-349.

Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.

Conselho Federal da Psicologia- CPF (2000). *Resolução CFP n.º 016/2000*, sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos.

DATASUS. (2012). *SIS PRÉ NATAL*. Recuperado em 24 de abril de 2014 em <http://sisprenatal.datasus.gov.br/SISPRENATAL/index.php?area=01>.

Deus, M. D. & Dias, A. C. G. (2014). *Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente* (Projeto de Pesquisa). Santa Maria, RS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria.

Dias, C. M. S. B., Hora, F. F. A. & Aguiar, A. G. S. (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(2), 188-199.

Dias, A. B. & Aquino, E. M. L.(2006). Maternidade e paternidade na adolescência: Algumas constatações em três cidades do Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 22(7), 1447-1458.

Dias, A. C. G., Patias, N. D., Gabriel, M.R. & Teixeira, M. A. P. (2012). A perspectiva dos pais diante da gestação na adolescência. *Revista de Ciências Humanas*, 46(1), 143-164.

- Domingos, S. R. F., Merighi, M. A. B., Jesus, M. C. P. & Oliveira, D. M. (2013). Experiência de mulheres com aborto provocado na adolescência por imposição da mãe. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 21(4), 1-7.
- Dornelas, K. C. A. & Garcia, A. (2006). O relacionamento entre mãe e filha adulta: um estudo descritivo. *Interação em Psicologia*, 10(2), 333-344.
- Duprat-Kushtanina, V. (2011). Être grand-mère dans une Ville Russe. Une étape de parcours de vie de femmes. *Recherches familiales*, 1(8), 81-90. DOI 10.3917/rf.008.0081.
- Fernandes, A. O., Santos Júnior, H. P. O. & Gualda, D. M. R. (2012). Gravidez na adolescência: percepções das mães de gestantes jovens. *Acta Paulista de Enfermagem*, 25(1), 55-60.
- Folle, E. & Geib, L. T. C. (2004). Representações sociais das primíparas adolescentes sobre o cuidado materno ao recém-nascido. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 12 (2), 183-190
- Frisman, G.H, Eriksson, C., Pernehed, S. & Mörelius, E. (2012). The experience of becoming a grandmother to a premature infant - a balancing act, influenced by ambivalent feelings. *Journal of Clinical Nursing*, 21,3297-3305. doi: 10.1111/j.1365-2702.2012.04204.x.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5ª ed. São Paulo: Atlas.
- Guest, G., Bunce, A., & Johnson, L. (2006). How many interviews are enough?: An experiment with data saturation and variability. *Field Methods*, 18, 59-82.
- Kipper, C. D. R., & Lopes, R. S. (2006). O Tornar-se avó no Processo de Individuação. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 22(1), 29-34.
- Levandowski, C. D., Piccinini, C. A. & Lopes, R. C. S.(2008). Maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 25(2), 251-263.
- Mazzini, M. L. H., Biasoli-Alves, Z. M. M., Silva, M. R. S. & Sagim, M. B.(2008). Mães adolescentes: a construção de sua identidade materna. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 7(4), 493-502.
- Mainetti, A. C. & Wanderbroocke, A. C. N. S.(2013). Avó que assumem a criação dos netos. *Pensando Famílias*, 17(1), 87-98.
- Oberlander, S. E., Black, M. M. & Starr Jr, R. H. (2007). African American Adolescent mothers and grandmothers: A multigenerational approach to parenting. *American Journal of Community Psychology*, 39, 37-46.
- Oliveira, A. R. V., Vianna, L. G., & Cárdenas, C. J. (2010). Avosidade: Visões de avó e de seus netos no período da infância. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 467-474.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. S., Gomes, A. G., & De Nardi, T. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 63-72.

- Pinto, K. L. B., Arrais, A. R., & Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade X Maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF, Bragança Paulista, 19*(1), 37-47.
- Rabinovich, E. P., Moreira, L. V. C. & Franco, A. (2012). Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. *Psicologia & Sociedade, 24*(1),139-149.
- Rodrigues, A. P., & Justo, J. S. (2009). A resignificação da feminilidade na terceira idade. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento, 14*(2), 169-186.
- Santos, C. A. C., & Nogueira, K. T.(2009). Gravidez na adolescência: Falta de informação?. *Adolescência & saúde, 6*(1), 48-56.
- Seron, C., Milan, R. G. (2011). A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha. *Psicologia: Teoria e Prática, 13*(1), 154-164.
- Silva, L., & Tonete V. (2006). A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem, 14*(2), 199-206.
- Silva, D. V., & Salomão; N. M. R. (2003). A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. *Estudos de Psicologia, 8*(1),135-145.
- Shlomo, S. B., Bem-Ari, O.T., Findler, L., Sivan, E. & Dolizki, M. (2010). Becoming a Grandmother: Maternal Grandmothers' Mental Health, Perceived Costs, and Personal Growth. *Social Work Research, 34* (1),45-57.
- Souza, T. A., Brito, M. E. M., Frota, A. C. & Nunes, J. M. (2012). Gravidez na adolescência:Percepções, comportamento e experiência de familiares. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, 13*(4), 794-804.
- Strauss, A. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2.ed.- Porto Alegre: Artmed.
- Tarozzi, M. (2011). *O que é grounded theory: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados*. Petrópolis,RJ: Vozes, 2011.
- Taubman, O., Ben-Ari, O. T., Shlomo, S. B. & Findler, L. (2012). Personal Growth and Meaning in Life Among First-Time Mothers and Grandmothers. *Journal of Happiness Studies, 13*, 801-820.
- Valila, M. G.; Moraes, N. A.; Dalbello, N. N.; Vieira, S. S.; Beretta, M. I. R.; & Dupas, G. (2011). Gravidez na adolescência: Conhecendo a experiência da família. *Revista Mineira de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais,15*(4),556-566.
- Vitale, M. A. F. (2008). Avós velhas e novas figuras da família contemporânea. Em: Acosta, A. R. & Vitale, A. F. (Eds). *Família, redes, laços e políticas públicas*. 4ª ed. PUC/SP: Cortez.

Vitale, M. A. F. (2011). Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In. Acosta, A. R. & Vitale, M. A. F. (2011). *Família: Redes, laços e Políticas Públicas*. 5ª. Ed. Cortez Editora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo principal conhecer o processo de tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente. Optou-se pela realização de dois estudos. O estudo 1 teve como objetivo investigar as produções científicas empíricas brasileiras sobre o tema “avós”, publicadas no período de 2005 a 2015. Para isso, realizada uma busca no *The Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), onde selecionou-se 14 artigos que integraram a revisão integrativa realizada neste estudo. O estudo 2 teve como objetivo conhecer o tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente.

Os principais achados do estudo 1 refere que que a família contemporânea passa por transformações na sua configuração e que os avós são figuras importantes no suporte emocional, apoio, carinho e afeto tanto aos seus filhos como para os netos, de modo a auxiliar nas dificuldades familiares. Do total de nove artigos que se referiam aos avós cuidadores, somente três (Dias, Hora, & Aguiar, 2010; Silva, Magalhães & Cavalcante, 2014;), abordavam aspectos relacionados aos avôs, o restante focava nas avós. Destacaram que essas mulheres têm sua função relacionada aos cuidados dos netos (Cardoso & Brito, 2014, Mainetti & Wanderbroocke, 2013, Oliveira, Vianna, & Cárdenas, 2010), que lugar possuem no apoio parental (Pinto, Arrais, & Brasil, 2014), questões referentes aos relacionamentos intergeracionais, práticas de cuidado com crianças com deficiência (Matsukura & Yamashiro, 2012), além das suas implicações nas relações familiares com adolescente primíparas (Falcão & Salomão, 2005).

O estudo 1 destacou a família contemporânea tem vivenciado mudanças na sua configuração (Oliveira, Vianna, & Cárdenas, 2010). Os avós têm exercido a função de fontes de apoio e suporte emocional, carinho e afeto para os seus filhos nos momentos de estresse e/ou dificuldade no grupo familiar (Dias, Hora, & Aguiar, 2010;; Silva, Magalhães & Cavalcante, 2014). Salienta-se que dos nove estudos selecionados para esta categoria, somente três referem-se aos avôs (Dias, Hora, & Aguiar, 2010; Silva, Magalhães & Cavalcante, 2014;). O restante destaca o papel das avós, suas implicações na criação dos netos (Mainetti & Wanderbroocke, 2013), relação entre avós e netos (Oliveira, Vianna, & Cárdenas, 2010), o cuidado dos netos (Cardoso & Brito, 2014), o lugar da avó no apoio parental (Pinto, Arrais, & Brasil, 2014), relacionamento intergeracional e práticas de cuidado em famílias com crianças com necessidades especiais (Matsukura & Yamashiro, 2012) e relações familiares de adolescentes primíparas de baixa renda e suas mães (Falcão & Salomão, 2005).

Os artigos destacaram que as avós podem ter como funções: ser coeducadoras (Dias, Hora, & Aguiar, 2010), mães substitutas dos netos (Cardoso & Brito, 2014; Pinto, Arrais, & Brasil, 2014), serem responsáveis pela educação, saúde, vida escolar e cuidados diários dos netos (Mainetti & Wanderbroocke, 2013), desempenhar atividades como: brincar, ver televisão, ajudar nas tarefas escolares independentemente da faixa etária dos netos (Oliveira, Vianna, & Cárdenas), contar histórias e passear do mesmo modo como faziam com os filhos (Cardoso & Brito, 2014).

Alguns contextos foram destacados nos estudos como: a maternidade adolescente (Mainetti e Wanderbroocke, 2013) e crianças com deficiência (Matsukura & Yamashiro, 2012). As avós envolvidas no contexto da maternidade na adolescência podem ter a função de amenizar o estresse familiar. Ao saberem da gestação das filhas, algumas avós sugeriram a prática do aborto às filhas e outras, a vinda de um neto possibilitou a união dos membros da família Mainetti e Wanderbroocke (2013). Já nas famílias com crianças com deficiência, as avós são agentes terapêuticos para seus netos, de modo a exercer influência positiva em suas vidas, como também ser fonte de apoio afetivo e financeiramente, e cuidar dos netos.

As avós também exercem influência no processo de amamentação das filhas pois são vistas como modelos de pessoas experientes que podem auxiliá-las (Moreira, Nascimento, & Paiva, 2013, Teixeira & Nitschke, 2008). Podem ter influência positiva, ao possibilitar sentimentos positivos como sensação de segurança e conforto em relação à amamentação (Gross, Van der Sand, Girardon-Perlini, & Cabral, 2011). Ou influenciar negativamente no aconselhamento ao uso de chás, água e outro leite (Susin, Giugliani, & Kummer, 2005), além de possibilitar o abandono do aleitamento materno exclusivo no primeiro mês de vida do bebê (Gross, Van der Sand, Girardon-Perlini, & Cabral, 2011).

O estudo 1 teve como limitação a análise dos artigos contidos em duas bases de dados (SciELO e Pepsic). A análise do conteúdo desses artigos possibilita entender e conhecer o conteúdo dos estudos relacionados aos avós cuidadores e suas funções, e com isso contribuir e ampliar as discussões relacionadas a esse tema. Além disso, possibilita a identificação de fatores que podem estar contribuindo para que os avós continuem nesta função, como por exemplo, a falta de vagas nas creches e escolas de ensino infantil para que os pais (pai e mãe) deixem seus filhos nessas instituições. Outra questão importante refere-se à possibilidade de ampliação de pesquisas que podem contribuir para a prática e capacitação de profissionais que trabalham direta ou indiretamente com avós.

O estudo 2 é um estudo qualitativo que teve como objetivo conhecer como ocorreu o momento do tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente. Participaram do estudo 12

mulheres na faixa etária dos 29 a 55 anos. Os resultados foram analisados por meio do modelo teórico da *Grounded Theory* ou Teoria Fundamentada nos Dados (TFD). Destaca-se como principais resultados que o momento de tornar-se avó se inicia com a gestação da adolescente e continua após o nascimento do neto. Inicialmente, ao saber da notícia da gravidez, as avós tiveram sentimentos de medo, mágoa, tristeza, susto, raiva, felicidade. Além de sentimentos ambivalentes como felicidade e pena. As formas de comunicação utilizadas pelas adolescentes para a revelação da gestação ocorreu por meio de ligações telefônicas para as mães e teste de gravidez realizado junto com a mãe. Outros meios de comunicação foi o intermédio dos familiares como avós maternas e irmãs das adolescentes e uma avó descobriu por meio de uma publicação no *facebook* do seu genro.

Todas as participantes não imaginavam ser avó neste momento de vida. Do total, nove avós afirmaram que ser avó é ser a segunda mãe da criança. Como responsabilidades de uma avó destacaram: cuidar dos bebês por meio do afeto, carinho, alimentação, educação e saúde, fazer as vontades dos netos, auxiliar na criação da criança, de modo a ajudar as filhas nos cuidados e orientações relacionados ao neto (a).

Assim, pode-se concluir que o processo tornar-se avó se inicia com a gestação da filha e desperta sentimento negativos (mágoa, susto, medo, raiva, tristeza) e positivo (felicidade). E sentimentos ambivalente como felicidade e medo. A maioria das avós consideram que ser avó é como se fossem a segunda mãe dos netos.

O estudo 2 teve como limitações: o número reduzido da amostra (12 participantes) e também, o fato da coleta da informações ser realizada nas Unidades Básicas de Saúde de um município do interior do Rio Grande do Sul. Sugere-se a ampliação do número da amostra e a realização da pesquisa em outros níveis de saúde como no programa saúde da família e hospitais, além disso, em outras instituições como, por exemplo, nas escolas. Ressalta-se a necessidade de maior atenção aos familiares envolvidos no contexto da gravidez adolescente, bem como suas avós maternas e paternas. Além disso, cabe atentar para a necessidade de elaboração de políticas públicas que contemple esse público, além da sua participação das ações de saúde.

## REFERÊNCIAS

- Cardoso, A. R. & Brito, L. M. T. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse?. *Psico USF, 19*(3), 433-441.
- Dias, C. M. S. B. (2008). Pais são para criar e avós para estragar: será? In: GOMES, I. C. (Org.). *Família, diagnóstico e abordagens terapêuticas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 67-72.
- Dias, C. M. S. B., Hora, F. F. A. & Aguiar, A. G. S. (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: Teoria e Prática, 12*(2), 188-199.
- Gross, F. M., Van der Sand, I. C. P., Girardoni-Perlini, N. M. O. & Cabral, F. B. (2011). Influência das avós na alimentação de lactentes: o que dizem suas filhas e noras. *Acta Paulista de Enfermagem, 24*(4), 534-540.
- Kelley, S. J., Whitley, D. M. & Campos, P. E. (2010). Grandmothers raising grandchildren: Results of an Intervention to improve health Outcomes. *Journal of Nursing Scholarship, 42*(4), 379–386.
- Kipper, C. D. R. & Lopes, R. S. (2006). O Tornar-se avó no Processo de Individuação. *Psicologia, Teoria e Pesquisa, 22*(1), 29-34.
- Mainetti, A. C. & Wanderbroocke, A. C. N. S. (2013). Avó que assumem a criação dos netos. *Pensando Famílias, 17*(1), 87-98.
- Matsukura, T. S. & Yamashiro, J. A. (2012). Relacionamento intergeracional, práticas de apoio e cotidiano de famílias de crianças com necessidades especiais. *Revista Brasileira de Educação Especial, 18*(4), 647-660.
- Mann, R. (2007). Out of the shadows?: Grandfatherhood, age and masculinities. *Journal of Aging Studies, 21*, 281–291.
- Moreira, M. A., Nascimento, E. R. & Paiva, M. S. (2013). Representações sociais de mulheres de três gerações sobre práticas de amamentação. *Texto Contexto Enfermagem, 22*(2), 432-441.
- Oliveira, A. R. V., Vianna, L. G. & Cárdenas, C. J. (2010). Avosidade: Visões de avó e de seus netos no período da infância. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 13*(3), 467-474.
- Pessoa, A. (2005). *Os avós*. Portal da família. Recuperado em 23 nov. 2015 <<http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo403.shtml>>.
- Piccinini, C. A. Lopes, R. C. S., Marin, A. H., Carvalho, F. T., Henn, G. C., Dias, A. C. G., Schwenber, D. D., & Diehl, A. M. P. (2007). Aspectos Biopsicossociais da Gravidez adolescente: um estudo longitudinal da gestação ao segundo ano de vida da criança. *Projeto de pesquisa*, UFRGS, Porto Alegre.

Pinto, K. L. B., Arrais, A. R. & Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade X maternidade: Avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF*, Bragança Paulista, 19(1), 37-47, jan./abr.

Rodrigues, A. P. & Justo, J. S. (2009). A ressignificação da feminilidade na terceira idade. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 14(2), 169-186.

Sampaio, D. (2008). *A razão dos avós* (3ª ed.). Lisboa: Caminho.

Santos, A. L., Teston, E. T., Cecílio, H. P. M., Serafim, D. & Marcon, S. S. (2015). Participação de avós no cuidado aos filhos de mães adolescentes. *Revista Mineira de Enfermagem*, 19(1), 55-59.

Shlomo, S. B., Ben-Ari, O.T., Findler, L., Sivan, E., & Dolizki, M. (2010). Becoming a Grandmother: Maternal Grandmothers' Mental Health, Perceived Costs, and Personal Growth. *Social Work Research*, 34 (1),45-57.

Stelle, C., Fruhauf, C. A., Orel, N. & Landry-Meyer, L. (2010). Grandparenting in the 21st Century: Issues of Diversity in grandparent-grandchild relationships. *Journal of Gerontological Social Work*, 53(8), 682-701. doi:10.1080/01634372.2010.516804.

Silva, A. M. (2012). A colaboração dos avós na educação dos netos. *Interfaces Científicas*, 1(1), 67-75.

Susin, L. R. O., Giugliani, E. R. J. & Kummer, S. C. (2005). Influência das avós na prática do aleitamento materno. *Revista de Saúde Pública*, 39(2), 141-147.

Taubman, O., Ben-Ari, O. T., Shlomo, S. B. & Findler, L. (2012). Personal Growth and Meaning in Life Among First-Time Mothers and Grandmothers. *Journal of Happiness Studies*, 13(5), 801-820.

Teixeira, M. A. & Nitschke, K. G. (2008). Modelo de cuidar em Enfermagem junto às mulheres-avós e sua família no cotidiano do processo de amamentação. *Texto Contexto Enfermagem*, Jan.-Mar, 17(1), 183-191.

Vitale, M. A. F. (2011). Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In. Acosta, A. R. & Vitale, M. A. F. (2011). *Família: Redes, laços e Políticas Públicas*. 5ª. Ed. Cortez Editora.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### FICHA DE DADOS SÓCIOECONÔMICO (Deus & Dias, 2014)\*

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Dados coletados por: \_\_\_\_\_

Local : \_\_\_\_\_

#### Dados de identificação da participante

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ anos

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_. Local de nascimento: \_\_\_\_\_.

Estado civil: ( ) casada, há quanto tempo: \_\_\_\_\_ ( ) solteira ( ) União Estável

( ) Reside com o companheiro: ( ) sim ( ) não

Autodeclaração de cor/raça

( ) Negra ( ) Parda ( ) Branca ( ) Indígena ( ) Outros

Você trabalha? ( ) Sim. Qual sua ocupação: \_\_\_\_\_ Não

( )

Você recebe? ( ) Sim ( ) Não Qual o valor R\$: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

— Bairro: \_\_\_\_\_

— Ponto de referência: \_\_\_\_\_ de

Ônibus: \_\_\_\_\_

— Telefones:

1) \_\_\_\_\_ 2) \_\_\_\_\_ 3) \_\_\_\_\_

A casa onde tu moras é:

	Sim	Não
Própria		
Alugada		
Cedida		

\*Deus, M. D. & Dias, A. C. G. (2014). *Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente* (Projeto de Pesquisa). Santa Maria, RS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria.

Na sua casa tem:

	Sim	Não
Água encanada		
Esgoto		
Luz elétrica		

Quantas pessoas moram na sua casa? \_\_\_\_\_.

Composição familiar:

Nome	Parentesco	Idade	Estado civil	Profissão

Renda familiar mensal (R\$): \_\_\_\_\_

Nível de escolaridade:

	Anos completos
Nenhuma	
Ensino fundamental	
Ensino médio	
Ensino superior	

Informações do pai da gestante:

Nome Completo: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_. Idade: \_\_\_\_\_

Situação do Pai: ( ) Presente ( ) Falecido ( ) Separado ( ) Outro \_\_\_\_\_

Endereço:

\_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_ 1) \_\_\_\_\_

2) \_\_\_\_\_ 3) \_\_\_\_\_

Trabalha: ( ) Sim ( ) Não Local de trabalho: \_\_\_\_\_

Renda bruta mensal R\$ \_\_\_\_\_

O pai da gestante é o seu atual companheiro? ( ) Sim ( ) Não

Caso não seja, dados do companheiro da mãe da gestante:

Nome Completo: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_. Idade: \_\_\_\_\_

Situação do Pai: ( ) Presente ( ) Falecido ( ) Separado ( ) Outro \_\_\_\_\_

Endereço:

\_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_ 1) \_\_\_\_\_

2) \_\_\_\_\_ 3) \_\_\_\_\_

Trabalha: ( ) Sim ( ) Não Local de trabalho: \_\_\_\_\_

Renda bruta mensal R\$ \_\_\_\_\_

### Dados da gestação da participante

A sua primeira gestação foi planejada: ( ) Sim ( ) Não

Quantos anos você tinha: \_\_\_\_\_

### Dados da gestação da filha

Como \_\_\_\_\_ foi \_\_\_\_\_ a \_\_\_\_\_ sua \_\_\_\_\_ primeira

Gestação: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Quantos anos ela possui: \_\_\_\_\_

Ela teve alguma complicação: \_\_\_\_\_ (caso

sim,

explorar) \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B

### Entrevista sobre a relação entre mãe-filha e percepções sobre a gravidez da filha (Deus & Dias, 2014)\*

Meu nome é (.....), hoje é dia (dia, mês e ano)

<b>Pergunta</b>	<b>Objetivo(s)</b>
Eu gostaria de saber um pouco como é a sua família, quantas pessoas moram com contigo? Como é a comunicação entre vocês?	Conhecer a composição familiar e aspectos relativos à comunicação neste ambiente.
Como é a tua relação com a (nome da filha)?	Compreender como se dá a relação entre mãe e filha adolescente, bem como, identificar aspectos positivos e possíveis conflitos que permeiam essa relação.
Houve alguma mudança após a gravidez?	Identificar possíveis mudanças na relação entre a mãe e a filha.
Tu tens alguma dificuldade em relação a isso? (se sim) qual (is)?	Identificar possíveis dificuldades na relação entre mãe e filha.
<b>4.</b> Como tu te descreverias como mãe da (nome da filha)?	Entender a autopercepção da mãe em relação a sua função materna.

#### Tu gostarias de conversar um pouco sobre a notícia da gravidez da tua filha

<b>Pergunta</b>	<b>Objetivo(s)</b>
<b>1.</b> Como foi para a senhora saber que a (nome da filha) está grávida?	Conhecer os sentimentos e percepções da mãe no momento em que recebeu a notícia da gravidez da filha.
<b>2.</b> Como a senhora ficou sabendo?	Investigar a forma como se deu a comunicação da ocorrência da gravidez da filha.
<b>3.</b> O que sentiu ao saber dessa notícia?	Conhecer os sentimentos da mãe no momento em que recebeu a notícia da gravidez da filha.
<b>4.</b> O que a senhora pensou no momento da notícia?	Conhecer as cognições, percepções da mãe no momento em que recebeu a notícia da gravidez da filha.
<b>5.</b> Teve alguma preocupação com relação a isso? (se sim) Qual?	Identificar as preocupações em relação à ocorrência da gravidez da filha.
<b>6.</b> Você orientou a (nome da filha) em algo? No que?	Conhecer as orientações dadas pela mãe a sua filha.

\*Deus, M. D. & Dias, A. C. G. (2014). *Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente* (Projeto de Pesquisa). Santa Maria, RS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria

## APÊNDICE C

### Entrevista sobre o processo de tornar-se avó (Deus & Dias, 2014)\*

**Agora eu gostaria de saber um pouco sobre os teus sentimentos e expectativas com relação ao desenvolvimento da gravidez e nascimento do bebê.**

Pergunta	Objetivo(s)
1. A senhora tem ajudado a (nome da filha) neste momento de vida dela?	Investigar se a mãe tem ajudado a filha neste sexto mês de gestação da filha. Se sim, no que tem ajudado.
2. No que tem ajudado?	
3. O que a senhora sente ao estar ajudando nestas questões?	Conhecer os sentimentos das mães em relação à ajuda que vem dando as filhas.
4. E com relação ao desenvolvimento da gravidez, a senhora tem dado alguma orientação para ela? (se sim, quais)?	Investigar se a mãe vem orientando a filha em algum aspecto. Se sim, quais as orientações que vem dando a sua filha.
5. Como a senhora imagina que será o nascimento do bebê?	Investigar as expectativas das avós (mães das adolescentes) em relação ao nascimento do bebê.

**Eu gostaria de te perguntar sobre esse momento de tornar-se avó (expectativas/ o que é ser avó/ cuidados)**

Pergunta	Objetivo(s)
1. O que é ser avó para ti? Quais o papel e responsabilidade de uma avó?	Conhecer o que as mães das adolescentes pensam do que é ser avó.
2. Como a senhora acha que será como avó?	Conhecer as percepções, expectativas e sentimentos em relação ao tornar-se avó.
3. A senhora imaginava tornar-se avó neste período da tua vida?	Conhecer as percepções da mãe da adolescente em relação ao torna-se avó neste período da sua vida.
4. Agora eu gostaria que a senhora me dissesse que tipo de avó imagina que será?	Conhecer as percepções, expectativas e sentimentos em relação ao tornar-se avó.
5. Que tipo de cuidados a senhora deseja realizar com o teu neto (a)?	Identificar os cuidados que a avó planeja realizar com o (a) neto(a).
6. Que coisas a senhora já pensa em fazer com ele(a)?	Identificar as atividades e coisas que avó pensa em realizar com o(a) neto (a).
7. Que coisas a senhora não deseja fazer com ele(a)? Por quê?	Identificar quais as atividades e coisas que a avó não deseja fazer com o(a) neto(a) e o porquê da não realização dessas coisas e atividades.
8. Como imagina que será a sua relação com a sua filha?	Verificar a percepção da mãe em relação ao seu relacionamento com a filha. E verificar se haverá alguma mudança.

<b>9.</b> Como a sua mãe é/ era como avó?	Conhecer como a avó da adolescente era como avó.
<b>10.</b> A senhora tem algum modelo de avó que tu deseja seguir? Se sim, de quem? E o que fazia?	Identificar se a mãe da adolescente tem algum modelo de avó que deseja seguir. Se sim, identificar a pessoa e o que ela fazia.
<b>11.</b> A senhora tem algum modelo de avó que tu deseja evitar? Se sim, de quem? E o que fazia?	Identificar se a mãe da adolescente tem algum modelo de avó que deseja evitar. Se sim, identificar a pessoa e o que ela fazia.
<b>12.</b> A senhora lembra de como a sua avó era contigo? E o seu avô?	Conhecer as lembranças que a mãe da adolescente tem da sua avó.
<b>13.</b> A senhora gostaria de acrescentar alguma coisa ao que conversamos?	Possibilitar a mãe da adolescente a falar de outros aspectos que deseje e não somente este contidos na entrevista.

**Muito obrigada pela tua colaboração!**

## APÊNDICE D

### **Jogo das sentenças incompletas (Deus & Dias, 2014)\***

Vou dizer algumas frases e gostaria que a senhora completasse com a primeira palavra ou ideia que lhe no pensamento.

Para a senhora ser mãe significa....

A senhora se considera uma mãe.... (característica).

Quando a senhora pensa que será avó, a senhora se sente....

O seu relacionamento com a sua filha é...

Quando ficou sabendo da gravidez da sua filha, a senhora sentiu...

Quando eu digo a palavra “avó”, a senhora pensa em.....

Quando o seu neto nascer, a senhora irá...

Quando a senhora pensa que será avó, o que vem ao seu pensamento é...

---

\*Deus, M. D. & Dias, A. C. G. (2014). Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente (Projeto de Pesquisa). Santa Maria, RS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria.

## APÊNDICE E

### **Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Deus & Dias, 2014)\***

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2014.

Prezada participante,

Estamos realizando uma pesquisa intitulada: “Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente”. Este estudo tem como objetivo conhecer como se dá o fenômeno do tornar-se avós sob a perspectiva das mães de adolescentes gestantes, a partir do 6º mês de gestação. Gostaríamos de contar com a sua colaboração nesta pesquisa, pois poderá contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno do tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente, como também contribuir para o planejamento das ações voltadas para as adolescentes e familiares que vivenciam essa situação. Para isso, estamos realizando entrevistas individuais com mães de adolescentes gestantes a partir do 6º mês de gestação que estão inseridas no programa de Pré-natal das Unidades Básicas de Saúde do município de Santa Maria/RS. As entrevistas terão a duração de aproximadamente uma hora. Esta pesquisa está sendo conduzida pela psicóloga Meiridiane Domingues de Deus, Mestranda do Programa de Pós- Graduação da Universidade Federal de Santa Maria/RS (PPGP/UFSM). Sob orientação da professora doutora Ana Cristina Garcia Dias do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria/RS. Caso a senhora tenha qualquer dúvida em relação a execução desse estudo, poderá obter maiores esclarecimentos por meio do email: [anacristinagarciadias@gmail.com](mailto:anacristinagarciadias@gmail.com).

Informamos que não estão previstos danos físicos e psicológicos às participantes desta pesquisa. Caso a senhora sinta algum desconforto emocional em qualquer momento da realização deste estudo, as pesquisadoras responsáveis se comprometem a lhe encaminhar a um serviço de atendimento psicológico gratuito. Além disso, você não terá despesas pessoais, benefícios diretos e compensação financeira pela sua participação. Sua participação é livre, podendo interromper o estudo a qualquer momento, bem como, recusar-se a responder alguma pergunta que lhe cause constrangimento. Os resultados desta pesquisa serão divulgados e publicados posteriormente nos periódicos ou eventos científicos relacionados à área de Psicologia. Será ainda garantido o sigilo e confidencialidade das informações que a senhora prestar.

#### **Consentimento da participante**

Pelo presente Termo de Consentimento declaro estar ciente dos objetivos e justificativa da pesquisa. Fui informada de forma clara e detalhada de que: a) tenho a liberdade de participar ou não do estudo; b) não obterei

nenhum benefício ou compensação financeira na minha participação na pesquisa; c) caso sinta algum desconforto em alguma pergunta a mim dirigida, poderei recusar-me a respondê-la; d) as informações por mim cedidas e minha identidade pessoal serão resguardadas, respeitando o sigilo e privacidade das informações; e) tenho direito a esclarecimentos e dúvidas relacionados ao estudo a qualquer momento da sua realização; e) somente as pesquisadoras responsáveis terão acesso às informações obtidas por meio dos instrumentos de coletas utilizados na pesquisa. Declaro estar de acordo em participar da pesquisa.

Nome da participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da participante: \_\_\_\_\_

---

Ana Cristina Garcia Dias  
Pesquisador (a) responsável<sup>1</sup>

---

Meiridiane Domingues de Deus  
Mestranda PPGP/UFSM

---

<sup>1</sup> A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa na Universidade de Santa Maria é a **Prof. Dra. Ana Cristina Garcia Dias**, que poderá ser contatada pelo Tel: **(55) 3220 9231** ou e-mail: [anacristinagarciadias@gmail.com](mailto:anacristinagarciadias@gmail.com). Além disso, você pode obter informações adicionais junto ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP- UFSM Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria – 7º andar – Campus Universitário – 97105-900 – Santa Maria-RS - tel.: (55) 32209362 e pelo e-mail: [comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br](mailto:comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br).

**Este termo deverá ser assinado em duas vias, sendo que uma ficará com a participante e outra, com a pesquisadora responsável.**

---

\*Deus, M. D. & Dias, A. C. G. (2014). *Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente* (Projeto de Pesquisa). Santa Maria, RS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria.

## APÊNDICE F

### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE (Deus & Dias, 2014)\*

**Título do projeto:** Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente

**Pesquisador responsável:** Meiridiane Domingues de Deus e Ana Cristina Garcia Dias

**Instituição/Departamento:** UFSM/Psicologia

**Telefone para contato:** 55 32209305 ou 32209231

**Local da coleta de dados:** Unidades Básicas de Saúde de Santa Maria/RS.

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes desta pesquisa. Concordam, igualmente, que as informações coletadas através dos instrumentos de pesquisa (questionários e entrevistas semiestruturadas) serão utilizadas única e exclusivamente para execução deste estudo. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no Departamento de Psicologia, sala número 318 por um período de cinco anos sob a responsabilidade do Prof.(a) Pesquisador (a) Ana Cristina Garcia Dias. Após este período, as informações serão destruídas. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em ...../...../....., com o número do CAAE ..... Santa Maria, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

---

Ana Cristina Garcia Dias

Professora Associada do Departamento de Psicologia da UFSM

---

Meiridiane Domingues de Deus  
Mestranda em Psicologia /UFSM

---

\*Deus, M. D. & Dias, A. C. G. (2014). *Tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente* (Projeto de Pesquisa). Santa Maria, RS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria.